

Para minha mãe, que me acompanhou em cada entrevista, leu cada parágrafo e me acalmou nos momentos em que eu pensei em desistir.

Ela, que chorou e riu comigo a cada passo para a construção deste livro e por quem eu tenho imenso amor.

Para meu pai, que assim como o pai de Gervásio, é meu herói particular, que me acompanhou nos momentos mais difíceis, apesar da distância.

## APRESENTAÇÃO

Este livro traz a história de um dos milhares de brasileiros que passaram a vida procurando, em vários cantos diferentes, uma maneira de viver com dignidade, apesar das dificuldades sociais que sempre o cercaram. Falta de estudo, atendimento precário na área de saúde, e, principalmente, as consequências de uma desigualdade social, que habita partes de todo o Brasil. Na sala simples de uma casa pequena e bem arrumada, em meio às fotografias dos filhos e suas imagens católicas, seu Gervásio da Silva me contou sobre como estes problemas lhe afetaram durante seus 49 anos de vida.

O senhor simpático, com senso de humor incomparável, já percorreu o País em busca de uma vida estável. Cada nova cidade lhe trouxe um aprendizado diferente. A cada caminho, um obstáculo mais cansativo e uma sensação de dever cumprido. Passos que nunca foram dados sozinhos, sempre muito bem acompanhados. Suas mulheres, seus sonhos e suas perdas. Hoje, com moradia fixa e um salário no fim do mês, seu Gervásio lembra de suas histórias com orgulho e, principalmente, com a certeza de que lutou muito para chegar onde está.

Os capítulos que se seguem contam algumas das principais passagens desse homem, que durante toda a sua vida foi, e, provavelmente, continuará sendo sinônimo de luta e amor, um amor que se multiplica, se divide, se transforma, mas nunca acaba. O livro traz, da maneira mais fiel possível, a história de Gervásio da Silva, e se divide em duas partes: a primeira, *os lugares por onde andei*, que traz uma passagem rápida pelas principais cidades onde Gervásio viveu antes de vir para Brasília. A segunda, *minha vida é na capital federal*, que fala como Gervásio chegou ao Planalto Central e porque decidiu viver aqui por tanto tempo.

Minha confiança no poder do jornalista como formador de opinião e o interesse em estudar minorias sociais fizeram com que eu escolhesse a vida de Gervásio e suas constantes superações para exemplificar a força de um brasileiro, que até tem o direito de viver como manda a cidadania, mas que muitas vezes é obrigado a descobrir sozinho, sem a ajuda dos órgãos responsáveis, uma maneira segura de sobreviver.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a prontidão e simpatia de seu Gervásio da Silva, que aceitou dividir comigo suas histórias, medos, ressentimentos, saudades; abrindo sua casa para nossas conversas. Agradeço também à dona Maria de Lurdes, esposa de seu Gervásio, dona Enedina, a mãe, e às filhas, Mônica da Silva e Jaqueline da Silva, que sem dúvida foram peças indispensáveis para a construção dessa obra.

Um agradecimento especial à minha prima Nayara Moura, que revisou meus textos, me acompanhou nas entrevistas e fez críticas construtivas à obra. Agradeço também à revisão atenta de minha amiga Angélica Novais e a suas palavras de apoio. Agradeço minha família pela paciência, pela ajuda e pela tentativa de me distrair nos momentos de desesperança.

Finalmente, a minha gratidão à minha orientadora, Cynthia Rosa, pelas ideias, conselhos e aprendizados que me passou. Sem ela, esse livro não seria possível.

## NOTA DO AUTOR

As histórias deste livro são baseadas nas lembranças de seu Gervásio da Silva, que, com uma memória invejável, recordou cada passagem de sua vida. No entanto, precisei omitir alguns nomes. Usei esse critério com personagens de quem Gervásio não mais lembrava o nome e com pessoas de quem ele preferiu não mencionar para evitar intrigas.

Cada capítulo traz a verdade de um senhor humilde que aprendeu com a vida o valor de tudo o que tem hoje. A experiência de escrever sobre esse homem me fez enxergar o quão grande é o ser humano e sua força para lutar contra todo e qualquer tipo de injustiça.

## **SUMÁRIO**

- Capítulo 1| **Outra vida começou** 5
- Capítulo 2| **Os primeiros filhos** 8
- Capítulo 3| **Boni** 12
- Capítulo 4| **Gervásio** 14
- Capítulo 5| **A seca** 17
- Capítulo 6| **Adeus, Bom Conselho** 20
- Capítulo 7| **Casa de farinha** 23
- Capítulo 8| **Travessuras de Vavá** 26
- Capítulo 9| **A família dos macacos** 34

# PARTE I

Os caminhos por onde andei

## CAPÍTULO 1 - Outra vida começou

“ ‘Rogai por nós, vos peço paz!’  
(...) E se não for pedir demais,  
quero vida normal e algum dinheiro  
(...) Que chova aqui o que chove lá  
Para o que se plantar ganhar o verde  
Pra alimentar”  
**(Pássaros – Djavan)**

Cidadezinha pacata, com temperatura amena, onde a média anual não chega aos 23 graus. Esse é o clima que contagia os moradores de Bom Conselho de Papa-Caça, um povo humilde, que acaba não fugindo da dura desigualdade que habita partes de todo o País. Famílias distintas, dividindo bancos da igreja com os menos favorecidos, fazendeiros ricos empregando pobres que trabalham em troca do que comer.

Bom Conselho é um município pequeno, com exatamente 786 quilômetros quadrados, situado no estado de Pernambuco a 282 quilômetros da capital, Recife. Atualmente, tem sua população estimada em 45 mil habitantes, o dobro do que era na década de 1950.

Desde então, os costumes e a cultura quase não sofreram modificações. Mas é fato que o povo de hoje tem mais oportunidade para estudar, ingressar na faculdade, ter acesso a saneamento básico e a hospitais de qualidade. Esse é um lugar que carrega traços de uma história construída com a interferência da Igreja e da fé, pois foi a partir de projetos de Frei Caetano que a cidade começou a evoluir e se desenvolver.

Os antigos vinte e cinco mil moradores contavam com o serviço precário de poucas escolas, onde só estudavam os filhos de pessoas de posse. Esse mesmo povo ainda não tinha energia elétrica, hospitais ou até mesmo esgoto. Talvez esses primeiros conselhenses vivessem a desigualdade na sua forma mais real.

Enedina, mais conhecida simplesmente por Nedina, uma dessas pessoas que passaram a vida procurando uma maneira de sobreviver às circunstâncias de uma terra sem oportunidade, presenciou cada segundo desse tempo. Ela veio de família humilde e era mantida com o pouco dinheiro que o pai recebia pelo trabalho prestado a fazendeiros ricos. Perdeu a mãe quando era criança, no parto de seu irmão Agnelo. Por isso, nunca tratou bem o caçula. Para Enedina, o menino era o único culpado por ela ter crescido sem os cuidados e os conselhos da mãe.

Desde cedo, a pequena aprendeu a tratar a terra e ajudar o pai na plantação de milho, um dos produtos que ainda se destaca na lavoura da região. No fim de semana, aproveitava para ir à missa na Igreja Matriz da Sagrada Família e, ao fim da celebração, corria até a praça para conversar com os amigos.

Ela, o pai, seu Luís, e o irmão, Emerson, moravam em uma casa pequena, na parte baixa de Bom Conselho. Seu Luís quase não a deixava sair, a não ser para festas realizadas pela Igreja. Então, a única oportunidade que tinha de passear era depois das comemorações católicas que tinham na cidade.

Enedina tinha apenas quinze anos e já era por demais vaidosa. Apesar de nunca ter tido dinheiro suficiente para comprar maquiagens ou roupas bonitas, ela ia à missa bem perfumada, e não esquecia o par de brincos, que antes era da mãe. Tinha cabelos longos, lisos e bem cuidados, que ela costumava pentear de lado. Usava também um par de sapatos, que parecia ter pego do irmão, uma calça de brim e uma camiseta de malha, que mais aparentava ser de seu pai.

Foi em um desses dias de superprodução que Enedina conheceu João, um rapaz magro, de pele morena, olhos grandes e expressivos. O rapaz era de família rica, filho de fazendeiro, tinha gado e algumas ovelhas. Ele mancava de uma perna, devido a um acidente que sofrera quando era mais novo, o que nunca o incomodou. O garoto bonito tinha um ar de conquistador e costumava “dar em cima” das moçoilas da região. Mas foi por Enedina que o coração de João bateu mais forte. O filho de fazendeiro, apaixonado por roça, tinha quase o dobro da idade dela e se encantara com o sorriso tímido e o olhar perdido da garota.

A adolescente também ficou satisfeita com os sorrisos conquistadores do moço mais velho. Depois daquele dia, os dois passaram a se encontrar com frequência. Um sempre passava rápido os olhos pela multidão procurando encontrar o outro. Demorou pouco até João conseguir conquistar de vez a donzela. Apesar das diferenças que possivelmente poderiam separar o casal, logo o menino se tornou namorado de Nedina, o primeiro. Mas, claro, um relacionamento escondido a sete chaves do pai da moça, que era muito ciumento e conservador.

Os encontros às escondidas do casal aconteciam principalmente em dias de missa. Mas quando podia, ela dava um jeito de escapar dos olhos do pai para namorar o amado em dias de semana também. João levava a moça para tomar sorvete na banquinha da praça, os dois conversavam durante horas e namoravam atrás da igreja. Ele foi o primeiro homem de Enedina.

Talvez por isso, a rotina do casal não durou muito. Ela havia acabado de completar dezesseis anos, quando João tomou coragem e pediu sua mão em casamento. Seu Luiz sabia que a filha já tinha perdido a virgindade e, por isso, decidiu casá-la o mais rápido possível. O pretendente era um bom partido, tinha dinheiro, mas o pai de Nedina, apesar de não ter posses, não ligava para isso. O importante é que João era um rapaz religioso, inteligente e tinha tudo para fazer sua filha feliz.

A família de João cuidou de tudo. Preparou a igreja, chamou os familiares, amigos e planejou uma festança na fazenda. No casamento, Nedina usou um vestido branco, de calda cumprida, com véu e grinalda, como sonhava desde pequena. Já João, estava com cabelo bem penteado, um terno branco, camisa branca e sapatos da mesma cor. Ambos, com roupas compradas pelo pai do noivo, que, como presente de casamento, também lhes deu uma casa, ali mesmo em Bom Conselho.

O novo lar do casal era simples. Feito com taipa e telhado de palha, tinha apenas três cômodos – uma cozinha e dois quartos. O banheiro ficava aos fundos, separado do resto da casa. As paredes eram três tábuas cumpridas e a porta uma cortina velha de cor escura. O vaso sanitário era um buraco redondo, cavado no chão e escondido por alguns tijolos.

Ao contrário da maioria dos fazendeiros da cidade, o casal não tinha gerador de energia. Por isso, iluminava a casa com um lampião antigo e algumas velas brancas. Na porta, haviam vários pés de joá-de-capote, planta comum nos quintais do Norte e Nordeste. Os móveis da família também não eram muitos, apenas um fogão à lenha, uma mesa e a cama de casal. A decoração ficava por conta das imagens católicas que os dois espalhavam pela casa.

João era um rapaz esforçado e trabalhador, era conhecido na cidade como professor Joãozinho, devido aos seus conhecimentos. Depois de casado, deixou de ser sustentado pelo pai e decidiu que não pediria ajuda a ele. Começou a trabalhar em roças para sustentar a família. Nedina, como já estava acostumada com o trabalho na lavoura, decidiu ajudar o marido. Sem receber dinheiro da família, a única renda do casal vinha desses serviços. De filho de fazendeiro, João passou a trabalhador de roça, daqueles que trabalhavam para ter o que comer.

Em menos de um mês, a vida dos dois passou a ser outra. Apesar de ter trabalhado duro durante muito tempo, Enedina sempre teve a ajuda do pai e do irmão para trabalhos mais pesados do dia a dia. Agora, ela só tinha o que comer quando arrumava uma roça para cuidar e o marido não podia lhe dar a mesma assistência.

Os dois acordavam cedo, antes das quatro da manhã. iam caminhando até um outro distrito de Bom Conselho, Caldeirões, procurar roças onde precisassem de mão de obra barata. O casal quase sempre conseguia lugar nas plantações de mandioca e feijão e recebia por dia trabalhado menos de três cruzados.

O trajeto que faziam toda madrugada tinha mais de uma hora de caminhada e era repetido duas vezes ao dia, sete vezes por semana, em várias roças diferentes. Com o pouco dinheiro que ganhava, o casal comprava apenas o que comer. A quantia era pouca e por algumas vezes não era suficiente nem para isso. Os dois tiveram que aprender a racionar a comida para que no dia seguinte ainda tivessem do que se alimentar.

Nedina nunca teve chances de viver sua infância, e agora era praticamente obrigada a deixar seu casamento em segundo plano para viver com dignidade.

## CAPÍTULO 2 – Os primeiros filhos

“E na vida a gente  
tem que entender  
que um nasce pra sofrer  
enquanto o outro ri”  
**(Azul da cor do mar – Tim Maia)**

Com o passar do tempo, João e Enedina começaram a acostumar-se com a vida que teriam que levar a partir de então. Depois de conseguirem um ponto fixo de trabalho e conquistarem a confiança de seus patrões, o casal passou a ficar mais tranquilo, prestando serviços a um só roceiro durante toda a semana.

Quando os dois aprenderam a ter as preocupações do dia a dia mais controladas e entenderam que teriam que aceitar sua atual situação financeira, também conseguiram viver como um casal e

não só como uma dupla que precisa arrumar a qualquer custo uma maneira de sobreviver. A visão deles parecia estar amadurecendo com o passar dos meses. Com o tempo, ambos entenderam que casamento era mais do que aquilo que estavam vivendo.

Eles ainda trabalhavam juntos e procuravam uma forma mais fácil de levar a vida. Também continuavam sendo a dupla de amigos que se ajudava quando precisavam. Mas agora, além disso, também eram um casal de amantes que sabia aproveitar o tempo livre para viver como tal.

Na roça, João se sentia à vontade para deixar Enedina cuidar do dinheiro. Quando chegavam em casa, era a vez dela preparar para o marido um milho assado ou carne seca, antes de irem para o quarto namorar. A menina acordava primeiro e fazia questão de despertar João com um beijo e um copo com leite, quando tinha. Os dois começaram a criar uma rotina de casal.

Já com quase um ano de casamento, os apelidos também começaram a ficar mais frequentes: *“nego”*, *“nega”*, *“véio”*. Não importava como se chamavam, eles tinham certeza do amor que sentiam e, naquele momento, sabiam que aquilo era o suficiente para superar qualquer coisa.

João confiava cegamente na esposa, deixava com ela todo o dinheiro que recebiam no dia. Nedina separava os cruzeiros para fazer a feira de sábado e guardava o que sobrava – quando sobrava – para quando precisassem. Eles não precisavam gastar com roupas ou sapatos, pois já ganhavam isso dos patrões para quem trabalhavam. Também, se precisassem, não teriam como comprar, o dinheiro que ganhavam provavelmente não seria suficiente.

A vida se tornava mais calma, as preocupações mais distantes e momentos de amor cada vez mais frequentes. Com esse cenário, os sonhos do casal começaram a surgir. Agora, eles acreditavam que melhorar de vida era possível.

Enedina não convivera muito tempo com a mãe antes que ela morresse, e deixara de morar com o pai e o irmão ainda na adolescência. Depois da perda, a moça começou a achar que não tinha mais ninguém na vida por ela e sentiu que seria sozinha sempre.

Só com o casamento Nedina percebeu que não precisava ser assim. Mas não apenas por João, na verdade a sensação vinha da possibilidade de ter filhos. Enedina sonhava em ter um bebê, para dar a ele o amor e o cuidado que ela queria ter recebido da mãe.

Não demorou muito tempo, o sonho, dividido também com João, se realizou. A garota engravidou ainda no primeiro ano de casamento, e só percebeu que esse era o motivo de tantos enjoos quando faltavam menos de dois meses para o bebê nascer.

Mesmo grávida, acordava cedo, caminhava durante horas, passava o dia com a enxada na mão, às vezes até sem almoçar. Essa rotina, Nedina só abandonou mesmo por algumas horas, quando estava prestes a dar a luz. Para ela, ainda não era tempo de se dar ao luxo de deixar o marido trabalhando sozinho na plantação; precisaria de dinheiro se ainda quisesse melhorar de vida.

As dores da contração estavam fortes, e trabalhando, em casa mesmo, foi que Enedina começou a dar a luz. João foi buscar ajuda para o parto. A assistente era uma senhora meiga, atenciosa, e quando o filho deixava, bastante prestativa. Mas na maioria das vezes, Joãozinho ignorava os mimos da mãe, por achar que era capaz de cuidar sozinho de sua nova família. Dessa vez foi diferente, dona Joana já estava acostumada a fazer outros partos na cidade, e o moço entendeu que não teria problema em contar com o auxílio da mãe.

Foram os gritos que anunciaram que o primeiro filho de João e Nedina estava nascendo. Bonita, com cabelos brancos, compridos, pele clara e olhos azuis, dona Joana foi quem trouxe a neta ao mundo. Maria, que recebeu este nome em homenagem à Santa, nasceu magrinha, com cabelo ralo e bem preto. A menina esperta já agarrava com força o dedo da mãe, como se entendesse a sua importância para Nedina.

Mesmo tendo dado a luz há pouco tempo, a moça teve que voltar a fazer as tarefas do lar. Ela cozinhava, limpava, espanava. Na hora de preparar o almoço, fazia comida suficiente para três. Maria comia a mesma coisa que o pai e a mãe, como gente grande. O cardápio era à base de carne seca bem desfiada ou milho assado, o que tivesse. A mesma refeição se repetia no jantar e no café do dia seguinte, até que a comida acabasse.

A mãe nunca pensou que pudesse estar fazendo mal à filha. Para ela, o que acontecia era exatamente o contrário. Nedina achava que com esses alimentos estava salvando a filha de passar fome como ela, que quando mais nova já havia passado dias sem ter o que comer.

No terceiro dia depois do nascimento da filha, João passou a trabalhar até tarde para cobrir a ausência da esposa. Com Maria nos braços, Nedina saiu do trabalho mais cedo. Quando chegou em casa, preparou um prato de comida para ela e para a filha. A mulher assou o milho no fogão à lenha e depois separou os grãos para dar à nenê, um por um. Depois de comerem, as duas caíram no sono. Enedina só foi acordar no outro dia, bem cedo.

A mãe acordou de madrugada para trabalhar, pegou o resto do milho que sobrou da noite anterior e colocou no prato para ela, o marido e Maria. Depois de arrumar o prato na mesa, foi acordar João para que ele se penteasse e escovasse os dentes antes de saírem.

Enquanto o homem se arrumava, a moça foi até a cama pegar Maria para trocá-la, como fazia toda manhã. Ela colocou o bebê no colo e catou alguns panos para cobri-la. A criança estava fria e Nedina achou que pudesse ser por estar descoberta. A mulher abraçou forte o bebê e a apertou contra o peito. Quando olhou para o rostinho de Maria, Enedina percebeu que o nenê estava muito roxo e parecia não respirar.

João e Nedina gritaram tentando acordar Maria. Desesperada, a mulher ajoelhou-se no chão com o bebê no colo, rezando para que ele voltasse a respirar. João abraçou a esposa já entendendo o que estava acontecendo, e ela parecia não querer aceitar.

Enquanto sacudia a criança, Enedina implorava para que a filha abrisse os olhos e não a deixasse sozinha. Mas a criança morreu antes mesmo de aprender a chamá-la de mãe. Durante três dias, aquela mesma criança que agora estava morta no colo dos pais havia sido o mundo de Nedina.

Falta de informação, problemas respiratórios, engasgo. O casal nunca soube ao certo o que matou sua filha. A única certeza que João e Nedina tinham é que a pequena tinha ido embora para um lugar bonito e cheio de anjos.

- *Véi*, ela ficou pretinha que nem carvão. Foi Deus que levou.

A cama de vento - nome que davam a uma estrutura feita de madeira e lona, dobrável - voltou a ficar vazia. Mas os sorrisos, os choros de madrugada, as mãozinhas pequenas que sempre se uniam às mãos da mãe, pareciam não abandonar a mente de João e Enedina. Eles rezavam toda noite, pedindo que Nossa Senhora diminuísse a dor que eles sentiam.

Foi difícil retomar a vida de antes. O casal começou a desacreditar que aquilo um dia passaria. Para Nedina, parecia ser ainda mais complicado aceitar que tinha perdido a filha tão nova, ainda tão indefesa.

- Eu vim ao mundo pra sofrer! Eu não tenho nada, não tenho ninguém por mim.

Nedina voltou a se dedicar ao trabalho e aos domingos ia à missa rezar para Nossa Senhora lhe mandar outro filho. As preces da adolescente foram atendidas, poucos anos depois. Nedina ficou grávida pela segunda vez.

Os mesmos costumes, a mesma falta de experiência. O novo nenê era um menino e morrera antes mesmo de receber um nome, com os mesmos sintomas da mãe.

Mãe! Esse era o único pensamento de Nedina, em todos os sentidos. Além da perda dos filhos, os episódios fizeram com que a

menina lembrasse a ausência de sua mãe. Seu pai e seu irmão tinham melhorado de vida, já tinham uma casa maior e algum dinheiro, mas nunca a visitaram ou chegaram a perguntar como ela se sentia. Enedina só sabia chorar, agarrada aos panos que usara para cobrir José, jurando para si mesma que na vida não tinha mais ninguém por ela.

- Eu vim ao mundo para sofrer!

## CAPÍTULO 3 – Boni

“Pra você guardei o amor  
Que sempre quis mostrar  
O amor que vive em mim  
Vem visitar, sorrir,  
Vem colorir, solar,  
Vem esquentar e permitir”  
**(Pra você guardei amor – Nando Reis)**

O olhar de Nedina ganhara uma tristeza diferente nos últimos anos. Ela não acreditava mais que a vida lhe pudesse dar alguma coisa boa. Deus levava seus dois únicos filhos, antes que eles aprendessem a dar seus primeiros passos. João também não se conformava com a morte dos filhos, mas acreditava que mais cedo ou mais tarde um novo bebê lhes traria a felicidade que tanto procuravam.

Em alguns meses, Enedina começou a engordar, mas custou a crer que o motivo para isso era outra gravidez. Ela e João procuraram trabalhar mais, para ver se assim a dor diminuía. Levantavam cedo, quando tinha comida, faziam a marmita e saíam a pé para o trabalho, sem conversar sobre os últimos meses. Plantavam milho, aravam a terra, colhiam produtos na horta, em mais de doze horas de trabalho pesado nas roças da vizinhança. Ao fim do dia, voltavam para casa com cansaço suficiente para dormir até que amanhecesse novamente, quando tudo se repetiria em mais um dia de luta.

O trabalho estava carregado. Mas, com isso, os dois conseguiram economizar um dinheirinho que finalmente foi suficiente para que comprassem a cabra leiteira que tanto queriam. O animal os ajudaria quando não tivessem com o que comprar comida e os patrões não pudessem ajudar com o que sobravam das plantações.

Com o passar dos meses, ficou impossível ignorar que a barriga de Nedina era devido a mais uma gravidez. Apesar do medo, o casal ficou feliz e esperançoso. Aproveitavam o fim de semana para irem à missa rezar para que dessa vez desse tudo certo e eles finalmente conseguissem conviver com o filho, educá-lo, mimá-lo.

Nedina procurou aumentar seus cuidados com a gravidez. Voltava do trabalho cedo, tentava alimentar-se bem e fazia o possível para não levantar tanto peso. Assim, João ficava com as tarefas mais difíceis, e trabalhava em dobro para cobrir a ausência da mulher. A mãe de João também fez o que pode para ajudar o casal. Dona Joana visitava os dois com frequência para saber o estado da gravidez da nora.

Foi assim até o dia do nascimento de José Bonifácio, em 23 de junho de 1959, uma bonita tarde de sábado. Boni, como os pais o apelidaram, nasceu forte e saudável, na cama da mãe, com a supervisão rigorosa da avó Joana e os olhares atentos do pai.

O menino era calmo, quase não chorava. Quem não conseguia mesmo segurar as lágrimas era Nedina. Ela estava satisfeita com o novo filho, tão gordinho, forte e bonito.

O angu era o principal sustento de José. Enedina pegava o leite da cabra e misturava à farinha de mandioca, que costumavam comprar na feira de sábado, para alimentar o filho. Dava isso a ele todo dia. Com essa alimentação, o pequeno José cresceu e virou o xodó da mãe.

## CAPÍTULO 4 – Gervásio

“O meu pai foi peão (...)  
Descansei, joguei  
Investi, desisti  
Se há sorte  
Eu não sei, nunca vi”  
(Romaria – Renato Teixeira)

Os sinos avisam que é dia de missa na região. 13 de maio de 1961, dia de Nossa Senhora de Fátima e data em que Bom Conselho de Papa-Caça ganharia mais um habitante.

Senhoras com terços na mão, homens acompanhados e crianças vestidas como se fossem para festa. Em dias de missa, a igreja costumava se encher de gente alegre, de todas as classes e raças, cantando hinos e fazendo orações à Nossa Senhora do Bom Conselho.

Nesse sábado, a multidão que ocupava a catedral era a mesma, e vinha de todas as partes da cidade. Os mesmos olhares atentos, as mesmas mãos se encontrando em preces silenciosas. A diferença só era percebida no sermão com palavras bonitas que o padre preparara especialmente para a ocasião – o missionário parecia ter mais calma que nunca, falando sobre a história de Nossa Senhora de Fátima, e lembrando das crianças: Lúcia, Jacinta e Francisco, os três pastorinhos, na Cova da Iria.

João e Nedina não gostavam de faltar uma só missa. Naquele dia, acordaram cedo – como nos outros seis dias da semana – vestiram José Bonifácio com a melhor roupa que o menino tinha e saíram.

Muitos religiosos repetiram o ritual de Nedina e acordaram ainda de madrugada para ir à missa de Nossa Senhora. O sol nasceu bonito e já estava quente, quando os primeiros fiéis começaram a chegar. Apesar de acordarem cedo, a família de João estava atrasada. Nedina estava encantada com o filho e costumava deixá-lo fazer o que o menino queria. Nesse dia, ela permitiu que Boni fosse andando durante a maior parte do caminho, de mãos dadas com ela e João.

– Tão lindo! Já corre.

De longe, o padre avistou José Bonifácio tentando acompanhar o pai, com passos curtos, mas rápidos, na medida do possível. A mãe estava achando linda a maneira como o filho já ensaiava correr.

- Anda, Boni. Vamos atrasar, filho.

Enedina estava grávida de nove meses, e todos na cidade juravam que, pelo tamanho da barriga, ela deveria estar esperando gêmeos. A felicidade, talvez, também viesse em dobro, mas o fato é que a situação financeira da família ficaria ainda mais complicada. O casal mal tinha dinheiro para comida. Na maioria das vezes só comiam angu, no café e no almoço.

Mas o palpite do povo conselhense estava equivocado. Às três da tarde, quando chegaram em casa, o filho de Nedina nasceu. Um filho só.

A menina preparava o fogo para fazer o almoço, quando sentiu a água entre as pernas e pontadas fortes na barriga.

- *Véio*, ajuda eu!

João ficou atônito, provavelmente não saberia socorrer a mulher. Então, correu até a casa da mãe afim de buscar a ajuda de dona Joana. A fazenda não ficava tão perto e ele precisou correr.

Em casa, Nedina percebeu que a ajuda não chegaria a tempo. Decidiu, então, que deveria ter seu filho sozinha, ali e agora. Ela fez força, chorou e, só, fez seu filho nascer. A menina mesmo cortou o cordão umbilical, depois de contar os quatro dedos apos o umbigo do nenê, como viu a sogra fazer em seus outros partos.

Quando João e a mãe chegaram, Enedina já tinha limpado o bebê e se preparava para colocá-lo na cama, enquanto fazia o mingau para dar a ele o que comer.

\*\*

A vida de Enedina e João já mudara há mais de um ano, quando José Bonifácio nasceu. Na ocasião, o casal conseguiu a prova de que o sonho de ter um filho bem podia se tornar real. Boni era como o milagre de Nedina.

A ansiedade que a menina sentiu enquanto esperava Gervásio foi diferente. Com vinte e três anos, ela já tinha medo e preocupações que da primeira vez não teve. Seria uma boca a mais para alimentar, e o dinheiro que ela e o marido ganhavam na roça mal dava para a comida dos três. As coisas agora ficariam ainda mais difíceis.

No entanto, esses questionamentos não pareciam tirar o sossego de João. Conhecido pela sua fé, foi rezando que ele recebeu seu quarto filho. Para ele, mais um orgulho. Gervásio era pequeno,

mas parecia já sentir que aquele homem, encolhido no pé da porta, seria o seu herói particular, seu super-homem.

\*\*

Nessa quarta gestação, Nedina decidiu que deveria continuar trabalhando normalmente, acordando cedo e voltando para casa quando desse. Comia pouco, só quando dava, e algumas vezes arriscava pegar na enxada para capinar. Talvez por isso, Gervásio nasceu magricela. O menino tinha cabelo preto, bem ralo, quase imperceptível, pele escura, olhos grandes e esbugalhados, como os do pai. Ele chorava muito durante a noite, e parecia pedir alguma coisa.

Os primeiros dias com o novo integrante da família foram conturbados, o bebê chorava até o dia clarear, e, quando o sol nascia, ele decidia dormir. Mas ele não teve muito tempo para acostumar-se com essa rotina. Logo nos primeiros dias de nascido, Gervásio começou a ir para a roça com a mãe, o pai e o irmão. Aos poucos, foi ele quem teve que adaptar-se ao dia a dia da família.

Nedina preparava os filhos para sair bem cedo, antes mesmo do galo cantar. Antes de saírem, ela checava se tinha alguma coisa que pudesse preparar para levar para o almoço. Quando encontrava, juntava tudo em uma tigela e amarrava com um pano velho, para manter aquecido. Em uma espécie de rede improvisada, feita com tiras de saco de batata, ela deixava os meninos embaixo dos pés de Embu, enquanto trabalhava com João.

Os meninos quase não se queixavam das longas tardes de espera. Os dois dormiam quase a tarde toda, enquanto os pais tentavam garantir o sustento do outro dia. Boni, como já era mais velho, às vezes se arriscava e ia brincar de ajudar a mãe na plantação.

Quando chegava a noite, a caminhada de volta a Bom Conselho parecia ser mais longa, depois do cansaço adquirido durante todo o dia. Já em casa, todos só conseguiam pensar em dormir. Cada um ia para seu quarto, tentar descansar para o outro dia de trabalho. Gervásio dormia no quarto com o irmão, longe dos pais. Ele ganhou uma cama da avó, feita de varas de madeira, com colchão de palha, e era lá que adormecia toda noite.

Dias cumpridos, pouca comida, nenhum brinquedo. Os meninos nunca tiveram ceia de natal ou comemoração de aniversário. Na verdade, nem sabiam o que isso significava. Também não comemoravam a páscoa. As poucas roupas que tinham eram presentes dos patrões dos pais. Os almoços mais sofisticados eram à base de feijão, farinha e sardinha.

Foi assim que os meninos cresceram, sem muitos luxos e sem nenhum costume de criança. As únicas horas em que Gervásio se

divertia eram as que passava com o pai. João costumava chamá-lo para catar joá na porta de casa, eles pegavam as frutinhas para comer quando não tinha outra coisa em casa. O menino achava péssimo o gosto da fruta, mas se divertia muito na aventura de sair com o pai em meio aos pés de joá.

Nesses poucos momentos, Gervásio sorria.

- Eu quase nunca tive motivos para sorrir!

## CAPÍTULO 5 – A seca

“Que braseiro, que fornaia

Nem um pé de prantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão.”  
**(Asa Branca – Luis Gonzaga)**

A falta de chuva já durava meses e castigava as plantações de todo Pernambuco. Com a seca, a família de João foi obrigada a procurar uma outra maneira de ganhar a vida. Ele mesmo (João) se negava a trabalhar em qualquer outro canto que não fosse a roça. Então, sobrou para Enedina a tarefa de garantir o sustento da família.

Com as dificuldades, às vezes a falta de dinheiro acabava refletindo na comida dentro de casa. Quando os mantimentos acabavam, o jeito era ficar com fome. Gervásio e Boni já estavam com sete e oito anos de idade, respectivamente. Quando sentiam fome, os meninos iam até a casa de tia Lisa, uma irmã de João, para almoçar. A mulher sempre teve mais condições, morava em uma casa grande, iluminada, com bastante móveis e comida. Quando os sobrinhos chegavam, a moça corria para preparar alguma coisa

para os meninos. Quase sempre, o alimento era um bom prato de caldo de feijão.

- Aquilo já matava minha fome.

Os pais e irmãos de João sempre tiveram uma vida mais tranquila, com alguns terrenos e dinheiro suficiente para pelo menos o básico, comida e roupas, por exemplo. No entanto, o conselheense nunca recebeu ajuda dos familiares, o que fez com que ele sempre se sentisse excluído da família.

Gervásio ainda era criança, mas já parecia entender o que o pai passava. Na verdade, o pequeno sentia o mesmo. Para ele, sua mãe sempre dera mais atenção a Boni. Quando podia, a mulher ia à feira comprar roupas para o filho mais velho, com o pouco dinheiro que sobrava no mês. Gervásio costumava dizer que sempre ficava com as roupas mais feias, sempre as vindas de doações de estranhos. O menino sempre foi alto, magrelo, e Enedina insistia em vesti-lo com bermudas curtas, que mal cobriam as coxas da perna do menino. Ele detestava aqueles shorts pequenos. Já Boni, sempre andou bem penteado, asseado e bem vestido. Quando tinha um pouco mais de um ano, ganhou um retrato que a madrinha pendurava na parede central da casa. Aquilo despertara o ciúmes do caçula de Nedina.

O apego de Gervásio e João era algo incontestável. João era mais que um pai para o menino, ele era um ídolo. No entanto, era com a mãe que Gervásio saía toda manhã em busca de emprego.

Enedina continuava acordando cedo, e levava com ela os dois filhos. A moça conseguiu negociar com um fazendeiro da região a compra de dois jumentos e uma égua velha. Com a promessa de pagar mais tarde, comprou alguns retalhos de chita - um tecido feito de algodão, com cores fortes - para vender nas redondezas de Bom Conselho. Esse pano veio para o Brasil em 1800 e logo passou a ser produzido aqui, o que barateou bastante o preço do produto.

Nedina e os filhos passavam o dia, às vezes até a noite, percorrendo estradas escuras de povoados pequenos próximos a Bom Conselho. Ela tentava vender o maior número possível de pedaços de chita para as mulheres do local. Quando não tinham dinheiro, as senhoras trocavam os retalhos do tecido por mantimentos para casa de Enedina - feijão, farinha, ovo e até galinha ainda viva.

Os meninos - que faziam as viagens pendurados em um dos jumentos, cada um dentro de uma cangaia, postas uma de cada lado do animal - é quem tinham que segurar as aves e cuidar para que elas não fugissem, pois seriam aquilo a única coisa para o almoço de dias. Nos outros dois animais, a mãe colocava os pedaços de pano que tentaria vender.

Durante o caminho para as vendas, os três praticamente não paravam para comer, no máximo bebiam um pouco d'água para continuar o trajeto. Eles ficavam o dia todo em cima do jumento, à procura de novos clientes. Boni, apesar de ser mais velho, parecia ter menos intimidade com a nova rotina da mãe. O menino ficava desengonçado em cima do jumento, a cabeça balançava a cada passo do equino e acabava sempre mordendo a língua. O caçula achava graça do irmão sem jeito, enquanto a mãe tentava ensiná-lo a segurar-se na cestinha.

- Segura a cabeça, Boni!

A mãe de Gervásio trabalhou com isso durante toda a seca e, com um tempo, conseguiu uma boa freguesia com o serviço. Mas suas clientes moravam distantes umas das outras e, quando a noite chegava e ela e os filhos não conseguiam chegar em casa, os meninos reclamavam de medo. Tudo por causa de histórias que os peões da região costumavam contar. Eles diziam que, naquelas matas pelas quais Nedina passava se escondiam monstros, esperando alguém passar para pegar carona na garupa dos animais.

Um dia, Gervásio pensou ter ouvido barulhos estranhos, uma espécie de ronco de porco. Mas, a pedido da mãe, procurou não olhar para trás.

- Não olha para trás, filho. Olhem pra frente, só pra frente!

Todos que conheciam Enedina costumavam dizer que ela tinha coragem de homem, pois nunca demonstrou ter medo de nada. E quando o assunto era os filhos, ela sedia aos boatos do povo.

Na noite em que Gervásio disse ter ouvido os sons estranhos, os três estavam cansados, pois tinham passado o dia visitando casas em Mata Verde - um dos povoados com maior número de fregueses de Nedina. Ainda faltava um pouco de chão até que os três chegassem em casa, então a mãe decidiu pousar na casa de uma de suas compradoras para que os filhos ficassem mais calmos.

Eodipola era uma mulher boa, que costumava pagar pelos tecidos de Enedina com galinhas e alguma comida. Ela tinha uma casa bonita, grande e tratava muito bem os filhos da conselheira. Gervásio costumava chamar Eodipola de madrinha e chegou até a pedir a mãe que o deixasse morando com ela. Nedina até aceitou numa boa a entrega do filho, mas o menino, no fim das contas, ficou com receio de sentir saudades do pai e preferiu voltar para casa pela manhã, junto com a mãe e com o irmão.

- Eu nunca tive apego com a minha mãe.

## CAPÍTULO 6 - Adeus, Bom Conselho

“ Hoje a noite não tem luar  
E eu estou sem ela  
Já não sei onde procurar  
Onde está meu amor?”  
**(Hoje a noite não tem luar – Renato Russo)**

Uma das secas que mais castigou o Nordeste chegava ao fim. E com a chegada da chuva, Enedina voltou a trabalhar na roça, deixando de lado suas longas viagens para a venda de pano. Mesmo dando um fim ao seu negócio, ela continuou com um dos jegues para ajudar no trabalho das plantações, os outros dois animais ela trocou em comida.

Independente para onde ia, Nedina sempre levava os filhos. A moça não queria mais saber de trabalhar com o marido e um dia, por meio de uma vizinha, ela conseguiu outro ponto de trabalho, onde o patrão pagaria melhor pelos seus serviços.

Ulysses era chamado pelos amigos de Baé, era casado, tinha seis filhos e uma roça de fumo e uma padaria, em Bom Conselho mesmo. Foi ele quem deu o emprego para a jovem Nedina. O homem costumava passar para buscá-la em casa, por volta das quatro horas da madrugada. Quando Gervásio e Boni ouviam o barulho fino da buzina da bicicleta já sabiam que Baé estava na porta para levá-los para o trabalho. Os meninos eram colocados na parte da frente, bem perto do guidão e Nedina ia na garupa. Quando a carona faltava e os três tinham que ir andando, Gervásio chorava durante todo o caminho.

Apesar de tudo, os meninos não faziam trabalho pesado na roça. Mesmo com as dificuldades que passavam, os pais nunca deixaram que eles mexessem com a enxada. Ainda com sete e oito anos de idade, o máximo que as crianças faziam era ajudar a mãe a limpar o local da plantação. Quando terminavam de retirar o mato da roça, os dois subiam para onde a mãe estava trabalhando com Baé para descansar.

Depois de quase três meses, os meninos começaram a ficar mais rápidos no trabalho. Eles terminavam cada vez mais cedo de limpar a roça e iam procurar Nedina para ver se ela precisava de ajuda.

Em um desses dias, Gervásio sentiu falta da mãe e decidiu procurá-la pela plantação. No meio da roça tinha um amontoado de madeira formando uma espécie de toca, coberta com palha, foi lá que os meninos encontraram Nedina. A mulher estava agarrada com Baé, aos beijos com o novo patrão. Depois do flagrante, Gervásio saiu correndo e chorando.

- Poxa! Meu pai lá trabalhando e minha mãe aqui de safadeza com esse homem...

Mesmo depois da cena, eles não contaram à mãe o que viram. Os meninos passaram a espiar a mãe toda tarde e a situação era sempre a mesma. Gervásio também preferiu não alertar o pai sobre a traição, ele não conhecia o amante da mãe, por isso tinha medo que o homem fosse violento e acabasse fazendo alguma coisa a seu

pai, caso João fosse procurar explicações. O menino temia por seu pai e por ele, pois tinha medo também que o pai decidisse sair de casa e o deixasse sozinho com a mãe e Boni.

Além de tudo, o pequeno acreditava estar sozinho ao lado do pai. Para ele, a mãe já havia comentado tudo com Boni e estava o comprando de alguma forma para que ele ficasse quieto, pois o menino parecia tranquilo demais com tudo o que acontecia. Boni sempre foi bem mais apegado à Nedina.

A mulher chegava cedo no trabalho e voltava feliz para a casa, sem reclamar. João achou estranho o novo comportamento da esposa, que nunca gostou do serviço de roça, mas não chegou a desconfiar de nada sobre o caso da moça.

Enedina já estava impaciente e se mostrava descontente com a vida que levava mais o marido. Ela reclamava da falta de dinheiro, da pouca comida e das saídas do marido para beber. O casal passou a brigar com frequência cada vez maior, por qualquer besteira. Em um desses dias de briga, foi a própria menina que acabou contando ao marido sobre seu caso com o novo patrão, sem nem se importar com a reação do marido.

- Você não me dá nada. Ele (Baé) tem dinheiro!

Naquela mesma noite, a mulher decidiu que iria embora de Bom Conselho para viver com o amante e deixaria João. Ele chorou como criança com a decisão da moça e chegou a pedir que a esposa esquecesse Ulysses e fingisse que nada daquilo havia acontecido, assim os dois poderiam ficar juntos sem nenhum problema. Mesmo assim, ela não aceitou e disse que deveriam mesmo se separar.

Gervásio e o pai não entendiam porque Enedina estava fazendo aquilo. O menino tinha nove anos, mas apesar da idade já tinha se acostumado a ver o pai e a mãe discutirem. No entanto, nunca imaginou passar por aquilo.

A família era tudo o que tinham. Mesmo sem muitas roupas, dinheiro ou comida, João sempre achou que os filhos e a mulher eram suas riquezas mais importantes.

No dia seguinte mesmo, a mulher colocou a casa que ganhara de presente de casamento à venda e comunicou ao marido que iria embora com Baé, o homem por quem estava apaixonada.

Ela decidiu que primeiro se ajeitaria na nova cidade, compraria uma casa nova - com as economias que tinha e todo dinheiro que ganharia com a venda da casa, já que ela ficaria com tudo - e depois buscaria seus poucos móveis. A mulher arrumou uma sacola grande, onde guardou o principal, agasalhou Boni, juntou algumas peças de roupa e se despediu do marido.

Gervásio chorava muito, não queria abandonar o pai, ainda mais no estado em que se encontrava. O menino já havia entendido que a felicidade do homem estava toda ali, indo embora pela porta da frente. Então, o menino, com os olhos já vermelhos, pediu à mãe que por favor o deixasse morando com o pai.

- Ele precisa de mim!

Enedina nunca havia se separado dos filhos, e não gostou da ideia de deixar Gervásio morando com o pai, longe dela. No entanto, aceitou a sugestão do menino, mas prometeu que voltaria para buscá-lo assim que tivesse se instalado na outra casa.

Antes de deixar a casa que ela e João ganhara do sogro, Enedina prometeu que nunca mais teria uma vida como aquela. Agora, ela viveria em Garanhuns, uma cidade maior e mais desenvolvida que Bom Conselho.

- Eu nunca mais vou trabalhar pra ninguém nessa vida. Nunca mais pego numa enxada!

## CAPÍTULO 7 – Casa de farinha

“Não aprendi dizer adeus  
Mas tenho que aceitar  
Que amores vem e vão  
São aves de Verão  
Se tens que me deixar  
Que seja então feliz .”

(Não aprendi dizer adeus – Leandro e Leonardo)

No mesmo dia em que Enedina foi embora, João se mudou com Gervásio para a fazenda de um irmão. O lugar era grande e tinha uma roça enorme, com muita mandioca. Fernando\* tinha muitos empregados e aceitou que João fosse mais um deles. Em troca do trabalho do irmão, Fernando daria a ele e ao filho comida, um lugar para morar e um pouco de dinheiro, bem menos do que recebia antes.

João e Gervásio se instalaram em um galpão pequeno, onde ficavam algumas máquinas grandes (usadas para moer a farinha) e feno para os cavalos.

O local, que ficava aos fundos do casarão, não tinha água, energia, ou móveis. Era lá que os funcionários de Fernando faziam a farinha de mandioca, e, por isso, chamavam aquela construção de casa de farinha.

Com um tempo, João conseguiu duas panelas para a nova casa, tudo o que tinham. Para cozinhar, o homem montava uma espécie de fogueira com lenha e pedras, do lado de fora da casa. Em alguns potes, guardava um pouco de farinha, uma quantidade pequena de sal e outra de açúcar. Para cozinhar, ele usava latas.

A estrutura da casa de farinha era modesta, mas o que importava para Gervásio era a companhia, que para ele era a melhor do mundo.

Os dois comiam pouco, ficavam na roça o dia todo e, quando chegavam em casa, João torrava milho e fazia chá de capim-santo para eles se alimentarem antes de ir dormir. Enquanto jantavam, pai e filho ficavam sentados em frente à fogueira, conversando sobre bobagens até a hora em que Gervásio sentia sono e pedia para o pai para irem dormir. João se deitava na rede, estendida dentro mesmo da casa de farinha, e o menino no cocho.

- Papai, estou com sono.
- Vamos pra dentro, filho! Amanhã tem mais...

Apesar das dificuldades, esse foi o melhor ano da vida de Gervásio.

O garoto adorava as noites em que os empregados se reuniam para moer mandioca e fazer farinha. Nessas madrugadas, ele não dormia, mas pelo menos seu pai tinha com quem conversar.

Nos horários de intervalo, todos iam para fora admirar a lua e escutar João tocar o violão, enquanto cantava histórias antigas.

Pela sua inteligência e pelos poemas que costumava declamar, logo João ficou conhecido na roça como professor Joãozinho.

No outro dia, quando ia trabalhar na roça, Joãozinho sempre levava o filho junto. Eles nunca se separavam. Enquanto o pai trabalhava, o menino, entretido, criava seus próprios brinquedos. De um pedaço de tijolo, ele conseguiu tirar um carro. Riscou as rodas, desenhou as janelas, a portinha, e o automóvel já estava pronto para uso. O barulho do motor ficava por conta dos ruídos feitos com a boca mesmo.

- Vruum... Vrum, vrum, vrum!

Gervásio também conseguiu fazer caminhão com lata de sardinha e rodas de sandália de borracha, ônibus com sabugo de milho velho.

Ele se divertia sentado embaixo das árvores, com os brinquedos que ele mesmo inventara. Quando o pai terminava o trabalho e eles finalmente voltavam para a casa, já tarde, os dois repetiam a mesma rotina de toda noite. Sentados em frente de casa, a conversa sempre era longa. Para o pequeno Gervásio, essa era a melhor parte do dia, observar as estrelas e escutar as histórias do pai. O menino só não gostava quando, por acaso, o assunto acabava sendo Nedina. Lembrar da esposa fazia muito mal a João. Nesses dias, ele mudava de humor de repente e acabava indo dormir mais cedo, quase sempre chorando. O filho tentava consolá-lo, mas na maioria das vezes era inútil. Ver o pai chorando por causa da mãe, deixava Gervásio ainda mais indignado com a mulher.

Em um ano, pai e filho estavam mais unidos que nunca. Um era tudo o que o outro tinha.

Num dia como outro qualquer, Joãozinho levantou cedo para ir trabalhar, acordou Gervásio e foi para a roça. No fim da tarde, agachado embaixo de uma árvore, o menino nem percebeu a voz que o chamava de longe e continuou brincando. O primeiro a

perceber a movimentação foi João, que ficou em choque ao reconhecer quem estava chegando.

Nedina segurava a mão de Boni, que estava bem arrumado. O menino estava baixinho, não crescera tanto como Gervásio, gordo e com o cabelo cortado baixo. Ele e a mãe voltaram, como ela tinha prometido.

Por um momento, João até achou que a mulher estava voltando para ele e que tudo estava prestes a voltar a ser como antes. No entanto, Nedina logo acabou com a esperança do marido.

- Vim buscar meu filho! Gervásio, se arruma e vamos embora, já está escurecendo.

Gervásio nem ao menos foi abraçar a mãe, na verdade ele não estava entendendo o que Nedina queria ali na sua nova casa, depois de tudo o que tinha feito com João.

A decisão da moça não agradou nenhum dos dois, nem João e muito menos Gervásio. O ano que passara com o pai havia sido muito melhor do que os anos que vivera com a mãe e o menino jamais abandonaria o pai sozinho. Com quem João conversaria, quem iria fazê-lo companhia?

Os cuidados que tinha com a felicidade do pai não comoveram Nedina. Ela voltara para buscar o filho e era isso que ela ia fazer. Gervásio gritava enquanto a mãe o colocava na carroça junto aos poucos pertences que ele ainda tinha.

Foi chorando que pai e filho se despediram. O adeus mais dolorido de quem deixava uma história toda para trás. Gervásio foi separado de seu único herói, da pessoa mais importante para ele. Na despedida, João prometeu ao filho que o visitaria todo sábado. Assim, eles não se separariam.

## CAPÍTULO 8 - Travessuras de Gervásio

“De um certo tempo para cá eu fiquei triste  
E sinto isso em cada lágrima que cai  
Que é pobre coração que não resiste  
Esta saudade que eu sinto do meu pai  
A sua imagem de amor está presente  
Em minha mente cada irmão que entra e sai  
É um pedaço desse homem muito gente  
Tudo é motivo de saudade do meu pai”  
**(Motivo de saudade – Chitãozinho e Xororó)**

Gervásio dormiu durante quase toda a viagem para a nova casa, e, nos poucos momentos que passou acordado, o menino não conseguia esconder a ansiedade de conhecer o lugar, maior, mais bonito, em cidade grande e populosa, distante 230 quilômetros da capital do Estado. Apesar de não gostar da ideia de morar com outro homem que não fosse o pai, o garoto sabia que a vida na nova moradia seria mais fácil do que nos anos que passou em Bom Conselho.

Agora, com um novo emprego, Nedina conseguia receber dinheiro suficiente para comprar as coisas de casa, como arroz, feijão, frutas e até as roupas para ela e os filhos. Com suas economias, comprou duas casas em uma das ruas mais humildes de

Garanhuns, Rua da Tábua. Um dos barracos Nedina fez questão de emprestar a uma família de viajantes que havia acabado de chegar na cidade e não tinha onde morar. No outro, morava ela, Boni, Baé e agora moraria também Gervásio.

A casa, assim como a primeira, também era feita de taipa e telhado de palha. Mas essa era maior, tinha uma sala, dois quartos, cozinha e banheiro com privada de louça. Os móveis eram poucos, apenas alguns bancos de madeira rústicos, um fogão à gás, um pote para guardar água e duas camas, uma para Nedina e Baé e outra para os meninos, Gervásio e Boni.

A mulher fazia questão de sustentar sua família. Acordava cedo, durante os sete dias da semana, sem descanso, e seguia para as feiras da redondeza vender peças de barro. Em cada dia da semana, Nedina visitava uma região diferente. Vendia panela, vasos de flores, potes de todos os tamanhos. A viagem comprida que ela fazia toda manhã, era exaustiva, mas rendia à família uma vida tranquila.

Enedina e Boni acordavam um pouco antes das seis da manhã e iam a pé até o centro. Lá, eles e outros vários comerciantes pegavam o caminhão que saía do centro com destino à cidade onde trabalhariam naquele dia. O transporte irregular, conhecido como pau de arara, ia cheio, com várias caixas e passageiros amarrados na capotaria do caminhão.

Com o dinheiro que a moça ganhava nas vendas, comprava o que estava faltando em casa. Baé, que trabalhava em uma padaria no centro da cidade, bem que se oferecia para ajudar nas despesas, mas a metade do seu faturamento mensal ia para Bom Conselho, para ajudar nas despesas da família que ele deixara lá, quando se mudou para Garanhuns com Enedina e Boni.

Como a mãe, Boni e o padrasto saíam ainda de madrugada para trabalhar, Gervásio ficava só em casa. Ele já havia ido com a mãe para o trabalho na feira umas duas ou três vezes, mas sempre passava o dia reclamando do barulho no local. A gritaria dos feirantes e a movimentação da vizinhança atrapalhavam o sono do menino, que sempre tentava tirar um cochilo, debruçado entre os caixotes da banca. Tentativa quase sempre sem sucesso. Gervásio perdia a paciência e jurava que no dia seguinte ficaria em casa, dormindo.

Sem ninguém para controlá-lo, o caçula passava a manhã dormindo e à tarde ficava brincando com os vizinhos nas ruas de Garanhuns. O garoto não tinha muitos amigos, isso porque as mães dos adolescentes da rua da tábua proibiam os filhos de brincar com ele. Gervásio corria, se envolvia em briga com garotos mais velhos, jogava pedra em quem passasse pela sua frente e caía em buracos com profundidade maior que sua altura.

Dias movimentados, que sempre terminavam em surra. Em um deles, Gervásio testava uma de suas mais novas criações na estrada da Rua da Tábua para a Rua da Areia, a maior descida da região de Garanhuns. Um espaço íngreme, que tinha fim em um posto policial, lá embaixo. No caminho, uma fábrica de sabão, que costumava despejar os restos de seu produto em um buraco à beira da pista onde os meninos brincavam. Junto com este sebo, a vizinhança também jogava ali todo o lixo que fazia. O filho de Nedina e outros meninos da rua não se incomodavam com o cenário, eles brincavam ali de descer no brinquedo feito por Gervásio, um carrinho de rolimã, todo montado com madeira.

A brincadeira estava divertida e os vizinhos até tentavam não atrapalhar. Na rua da casa de Nedina morava um senhor já de idade, com problemas nas costas, sua filha, o genro e seus dois filhos. O velho Geraldo usava muletas e naquele dia saiu cedo para caminhar. Para não incomodar a descida das crianças, ele passou pelo canto da pista, perto do monte de banha de sabão.

Era a vez de Gervásio brincar, ele já treinara bastante e conseguiu aprender uma maneira de ganhar velocidade no carrinho.

- Vavá, vai de devagar - pediu Amauri, um colega de Gervásio, que pegava carona na traseira do brinquedo.

- Deixa comigo, Amauri - Gervásio respondeu sem parecer estar muito preocupado com o conselho do amigo.

No fim do percurso, bem na curva onde ficava a poça de lixo, estava o senhor Geraldo com sua muleta, caminhando devagar. Ao lado dele, um jumento, parado exatamente no meio da pista. Gervásio vinha em alta velocidade e não conseguiria parar antes de atingir um dos dois. Com medo de se machucar, ele escolheu atropelar o senhor. O vizinho de Gervásio foi atropelado pelo brinquedo e parou dentro do buraco com a borra de sabão. As pessoas que passavam pelo caminho correram para acolher o senhor, que escorregava sempre que fazia força para levantar. Apenas o filho de Nedina não conseguia sair do lugar para ajudá-lo. O menino gargalhava, olhando para o lixo à sua frente. Amauri, na hora da curva forçada também foi parar na sujeira. O garoto caiu de cara no sebo e chorava enquanto esfregava o rosto para tentar tirar a gosma que estava grudada em sua pele.

Os vizinhos de Gervásio que viam o que acontecia, correram até a casa do senhor e avisaram a seu neto mais novo sobre a queda. O menino, que era três anos mais velho que Vavá, ficou furioso com a história e correu até o buraco para tirar satisfação com o caçula de Nedina. Pedro apareceu xingando e tirou aquele sorriso largo que ocupava o rosto de Gervásio.

- Espera aí! - pediu Vavá, dando as costas para o neto bravo.

Depois de esconder o carrinho, Gervásio pegou uma pedra e voltou para onde o menino estava, ainda gritando. Quando o garoto, neto do senhor caído no sabão, foi para perto de Vavá, a reação dele foi atirar a pedra que escondia na mão na cabeça do menino mais velho. Pedro voltou para casa chorando, foi buscar ajuda do irmão. Ludovico já tinha mais de vinte anos, era um rapaz sério e provavelmente não bateria em Vavá, o que acalmou o pequeno. O neto mais velho de Geraldo pegou Gervásio pelo braço e o levou para a casa.

Já em casa, o caçula fingiu que não sabia o motivo da visita dos vizinhos e ficou calado quando a mãe o perguntou se a denúncia feita por eles era verdadeira. Enedina foi educada, despediu-se das visitas e fechou a porta. Depois que todos foram embora, a mulher chamou o filho para conversar.

- Vem cá, seu cabritinho.

Quando escutava a frase, o menino deduzia logo que o chamado era para briga.

- Vai lá fora e cata uns cipós para mim - completou a mãe.

Os cipós seriam o objeto que Nedina usaria para bater no menino, e ele já sabia disso. Gervásio corria até o quintal, pegava as varas e tirava folhinha por folhinha, para a surra não ser maior. Depois que batia no garoto, Enedina preparava água com sal grosso para banhar o filho. Para ela, aquilo impediria que as feridas infeccionassem.

Não tinha um só dia em que Gervásio não aprontasse alguma. E uma dessas travessuras lhe rendeu um braço quebrado, enquanto brincava na rua com uma vizinha. Vavá e a menina viram, dentro de um buraco, um isqueiro, e se abaixaram para alcançar o objeto. Quando sua vizinha viu que talvez ele conseguisse pegar primeiro, ela o empurrou. Vavá caiu por cima do braço, dentro do buraco.

O menino começou a gritar, mas logo foi socorrido pela mãe. Nedina veio correndo acudir o filho, e o levou ao hospital, onde enfaixaram-lhe o braço e logo o mandaram de volta para a casa. Os médicos disseram que para que os ossos voltassem ao lugar, Gervásio teria que segurar uma bolinha de gesso, com as mãos esticadas para baixo. O garoto não tinha paciência para isso e nem acreditava que aquela simples bolinha fosse consertar seu braço. Depois que a ferida sarou, o médico bem que pediu para que Nedina o deixasse quebrar de novo o osso do braço de Vavá para voltá-lo ao lugar, mas a mulher não deixou, disse que o filho sentiria muita dor. Gervásio ficou com o braço esquerdo torto.

A verdade é que depois que foi separado do pai, Vavá parecia estar mais rebelde, como se quisesse provar à mãe que o melhor a ser feito era continuar com João. Só ele o controlaria.

E era exatamente isso que acontecia. João visitava os filhos de quinze em quinze dias, quando o dinheiro dava. Na presença do pai, o caçula era outro. Quase não saía de casa, quando saía, era com o pai.

Joãozinho ficava hospedado na casa de Nedina e ia trabalhar no lugar dela nas feiras. O homem vendia e entregava todo o dinheiro que recebia no dia à moça. Ela é quem separava parte do lucro para que o ex-marido comprasse algumas roupas ou alguma coisa que lhe estivesse faltando. João usava parte do dinheiro para levar os filhos para passear, eles gostavam de ir à feira, comer bolo de puba.

Na volta para a casa, João ia descansar na cama de Nedina, enquanto Baé não voltava da padaria. Quando o novo companheiro da mulher chegava, o professor Joãozinho deixava o quarto e ia para a sala.

- Levanta que o homem chegou - gritava Enedina.

Gervásio, deitado em sua cama, se indignava com a frase da mãe. Para ele, era Baé quem não deveria estar ali, ocupando o lugar de seu pai. João também não gostava da situação. Quando o padeiro voltava do trabalho, ele saía de casa. Geralmente ia para bordéis da cidade, onde passava a madrugada. Joãozinho voltava para casa sem roupa, já bêbado e sem nenhum dinheiro. Ele batia à porta e Nedina já sabia quem era.

- Ei, abre a porta. Seu pai chegou! - Gritava Nedina, ainda deitada.

O menino levantava correndo para atender o pai. Era ele quem cuidava do homem, dava-lhe café e arrumava algo para cobri-lo. No outro dia, cedo, ele acordava João, que levantava e ia para o centro pegar o pau de arara. Quando recebia seu dinheiro e via Baé chegar, o homem voltava para o bordel, tentando esquecer a saudade que sentia da moça.

João e Gervásio não aceitavam a nova vida amorosa de Enedina. Por isso, Joãozinho acabava desistindo da visita e voltava para sua casa em Alto do Caixão antes do que planejara. O homem voltava triste, chorando. Depois que João ia embora, Gervásio voltava a aprontar pela cidade, tirando a paciência da mãe.

O menino piorou quando Baé trouxe para a cidade sua mulher e seus cinco filhos. O padeiro comprou para a família uma casa na mesma rua em que Nedina morava, e passou a dividir seu tempo entre as duas. Depois disso, o homem quase não ajudava nas despesas de Enedina. Quando voltava da padaria, deixava para ela e para os meninos três pães e seguia para sua outra casa. Era lá que Baé gastava todo seu salário.

Com um tempo, Nedina percebeu que o melhor para conter as travessuras de Gervásio seria fazer com que ele ocupasse seu tempo com algum trabalho, assim não teria tempo para bagunçar.

Não demorou muito, Vavá conseguiu serviço em uma sorveteria, a melhor da cidade. Seu Bibi, o dono do lugar, usava óculos no fim do nariz, tinha voz engraçada e tinha uma paciência invejável. O homem decidiu contratar Gervásio e José Bonifácio para trabalharem com ele, vendendo picolé na rua.

Boni bem que levou o trabalho a sério. No meio da muvuca do terminal de ônibus, ele saía gritando “picolé. Olha o picolé”. Ele tentava ser o mais rápido para vender o maior número possível. Já Gervásio, nunca gostou de lugar barulhento, com muita gente conversando alto. Ao invés de correr para vender seus picolés, o menino sentava na calçada, perto dos ônibus parados, e chupava todos o que tinham em seu isopor. Quando se dava conta, só via o monte de palitos, amontoados perto do pé.

Na hora de voltar para a sorveteria e entregar o dinheiro das vendas a seu Bibi, o garoto não sabia o que dizer, e acabava tendo que pedir ajuda ao irmão. Boni, como sempre conseguia vender tudo, dava conta dos picolés que vendeu e entregava uma parte das supostas vendas de Gervásio ao bondoso Bibi, dinheiro este que ele tirava do seu lucro, tudo para salvar a pele do irmão. O senhor anotava o que faltava e dizia que no outro dia Vavá pagava o restante. Era a mesma história todo dia.

Em casa, José entregava à mãe o dinheiro que sobrava, para ajudar nas despesas do dia. Nedina, para recompensar o garoto, lhe dava uns trocados para o menino ir ao cinema. Gervásio ficava só olhando, mas não comentava nada sobre o acontecido, nem pedia para ir junto.

Depois de algumas semanas, José Bonifácio desistiu de encobertar o irmão. Na volta para a sorveteria, depois de um dia de trabalho, Boni avisou ao irmão:

- Gervásio, não vou mais cobrir o que você comeu. Não dá mais! Quando Vavá encontrou seu Bibi e lhe contou que não tinha dinheiro nem picolé, o velho não ficou surpreso.

- Gervásio, Gervásio... Com você não tem jeito - disse o senhor, com a cabeça baixa, observando o menino por entre os óculos baixos.

Vavá foi para a casa sem acreditar que o patrão realmente fosse visitar Enequina. À noite, quando todos se preparavam para jantar, alguém bate à porta. Era seu Bibi, com uma cadernetinha nas mãos.

- Dona Nedina! - Disse o senhor sorridente.

Enedina já conhecia o homem que empregara seus filhos e o chamou para entrar, apesar de não entender o que o senhor fazia em sua casa tão tarde. O velho abriu o caderno e somou alguns números, a conta de Gervásio já estava alta. Nedina olhou para seu Bibi rindo, pegou algumas notas que ela guardava em uma mala e o entregou.

- Agora venha cá, seu cabritinho!

Mais uma vez, Gervásio apanhou com os cipós que ele mesmo catou e limpou, depois disso, vinha mais um banho de água com sal grosso.

As medidas que Enedina tomou naquele dia não adiantaram muito. Vavá continuou no emprego por pouco tempo, mas enquanto ficou na sorveteria chupou todos os picolés que podia e não podia.

Depois que deixaram o emprego, os meninos voltaram a se ocupar com o que faziam antes. Gervásio acordava tarde e ia brincar na rua, enquanto Boni levantava cedo para acompanhar a mãe até a feira.

Como em todos os outros dias, Nedina acordou cedo, sacudi Boni para acordá-lo e pegou seus caixotes com a mercadoria que ela iria vender. O pau de arara já estava na porta esperando-a. Ela guardou rápido as quatro caixas pesadas que carregava, e se segurou em um pedaço de corda. O caminhão não estava em boas condições, fazia um barulho estranho e sacudia tudo lá atrás. Quando subia uma ladeira alta, no centro de Garanhuns, o veículo perdeu o freio e começou a descer a rua de ré. O motorista, preocupado, mandou que todos descessem, pois provavelmente bateriam no comércio lá atrás.

- Quem não quiser morrer que pule - avisou o homem.

Boni foi o primeiro a descer do caminhão, seguido por outros passageiros. Só continuaram dentro do pau de arara um senhor cego, lá no fundo, encostado na cabine, e dona Nedina, que, assustada, não conseguira descer. As caixas que continuaram na traseira, cheias de artesanato feito com barro, caíram em cima da moça, a deixando desacordada. Enedina foi socorrida e levada ao hospital dada como morta.

A mulher não chegou a quebrar nada. Depois de três dias, os médicos a mandaram de volta para a casa, mas ela ainda não conseguia andar. Sem dinheiro para comprar uma cadeira apropriada, os meninos carregavam a mãe dentro de uma carroça velha, com rodas de madeira, que quase não rodavam. Eles cobriam o lugar com um colchão bem fino e já usado, para que as farpas da madeira não machucassem as pernas da mulher.

Depois do acidente de Nedina, a vida da família voltou a ficar complicada. Os meninos não tinham idade nem dinheiro para sustentar a casa e Baé só visitava a mulher à noite, quando ia deixar os pães. Quem ajudava Vavá e Boni eram os vizinhos, que, quando podiam, levavam carne e davam banho na mulher, pois os meninos sozinhos não conseguiam.

Mas a ajuda nem sempre vinha. Nesse um ano em que Enedina ficou sem levantar, sua família não tinha dinheiro para comprar o que comer. Para não passarem fome, os meninos iam cedo para as feiras, catar feijão e farinha que os vendedores deixavam cair na hora de servir os fregueses. Eles guardavam tudo em um saco e, quando achavam que já tinham pegado o suficiente, levavam os mantimentos para darem de comer à Nedina. Essa era a rotina dos meninos, que, na hora da fome, roubavam milho das barracas para levarem para a casa. Na época de chuva, a água levava os grãos que ficavam no chão e os garotos eram obrigados a correr com um saco de pano até o fim da rua para pegar o que restava. Nessas horas, eles se reuniam no fim de uma ladeira, esperando que a água da chuva trouxesse com ela algo que eles pudessem comer.

Depois que comiam, os meninos voltavam para casa para alimentar Nedina. Quando não estavam preocupados com o que comer, a preocupação era outra.

Todos emagreceram muito, pois não era sempre que conseguiam o que comer. Com o tempo, Nedina começou a achar que era preciso se esforçar para levantar, pois seus filhos estavam precisando dela. Mesmo com dores, ela começou a ficar de pé e andar com dificuldade. Acordar cedo, vender peças de barro, ir à feiras no pau de arara. Exatamente doze meses depois do acidente, Enedina voltou à sua rotina normal.

Quando começou a reconquistar seus fregueses e passou a ter mais lucro nas vendas, Nedina decidiu contratar alguém para cuidar dos meninos. Boni e Gervásio ficavam em casa com a babá inclusive nos fins de semana, enquanto Nedina trabalhava e Baé jogava bola com os amigos, em um campo de terra que tinha perto de casa. O padeiro participava de torneios de futebol, onde disputavam rua contra rua. Uniformizado, Ulysses jogava pela Rua das Tábuas, o lugar onde morava.

Em um desses dias de torneio, ainda cedo, o time de Baé teve que jogar contra o grupo da Rua da Areia, lá mesmo no campinho onde ele treinava. Como o time da casa estava ganhando, os adversários começaram a se aborrecer com a derrota. Um dos jogadores chegou até Ulysses e começou a lhe chamar de ladrão, aos gritos. O padeiro fingiu que não ligou e pediu que os companheiros o esperasse, enquanto ele ia em casa buscar algo.

O companheiro de Nedina foi correndo até a casa onde morava com a esposa, mãe de seus cinco filhos, pegou um revólver calibre 32, que ele guardava no armário de roupas, e voltou para o campo de futebol. O jogo seguiu normalmente, e o time de Baé continuava goleando. Quase no fim da partida, as provocações recomeçaram. O mesmo homem voltou a xingar e empurrar o padeiro. Ulysses tirou da cintura a arma que havia trazido de casa e atirou de perto contra o jogador. O disparo atingiu o peito do homem, que morreu no local.

O campo se encheu de curiosos querendo saber o que havia acontecido. Um corpo estendido no chão e o suspeito já estava longe. Quando a polícia chegou fazia tempo que Baé tinha fugido. O homem vestiu a roupa ao contrário e seguiu para a rodoviária, onde pegou um ônibus para Bom Conselho de Papa-Caça, cidade onde morava antes de ir para Garanhuns.

O fugitivo chegou na cidade ainda de madrugada. Lá, ficou hospedado na fazenda de um amigo, para quem contou tudo o que havia acontecido. Baé abandonou sua família e Nedina em Garanhuns para ficar escondido na casa desse fazendeiro. O homem que abrigou Ulysses tinha filho promotor, mas por saber da fama de perigoso do padeiro, aceitou manter seu esconderijo em segredo.

Depois de alguns meses, por meio de uma carta, Baé disse à Nedina onde estava e ela foi encontrá-lo. No mesmo dia em que recebeu a correspondência, a mulher vendeu uma de suas casas e foi com os dois filhos até a fazenda em que o homem estava escondido. Eram proibidos quaisquer tipo de barulho, passeio ou conversas na porta de casa. Ninguém podia acender lamparinas e os meninos tinham a boca tampada quando queriam gritar. A casa onde todos estavam instalados era velha, sem mobília e à noite tinha muitas cobras, o que assustava as crianças. Por isso, Enedina decidiu que tinham que ir embora dali o mais rápido possível.

Quinze dias depois da chegada de Nedina, Baé teve a ideia de vestir-se com as roupas da moça para sair do esconderijo. De madrugada, os quatro deixaram a fazenda, rumo à Garanhuns. Eles não tinham dinheiro e seria praticamente impossível se sustentarem sem antes passar na cidade para pegar o dinheiro da venda da outra casa.

Vestido de mulher, o padeiro, Nedina e os dois meninos chegaram em Garanhuns ainda pela manhã. A vendedora já havia encontrado um comprador para sua casa e precisava somente buscar o dinheiro para que ele fossem embora da cidade. Mas antes disso, em frente à padaria onde trabalhou, Ulysses foi preso pelo assassinato que havia cometido há alguns dias, no campo de futebol. Para pagar a fiança, Enedina foi obrigada a usar suas economias e o dinheiro que acabara de receber com a venda da

segunda casa. Mesmo em liberdade, Baé achou mais seguro deixar a cidade. Enedina, Gervásio e José Bonifácio foram com ele.

## CAPÍTULO 9 - A família dos macacos

“Tente!  
Levante sua mão sedenta  
E recomece a andar  
Não pense que  
A cabeça aguenta  
Se você parar”  
**(Tente outra vez – Raul Seixas)**

No fim de 1971, procurando uma cidade para viverem bem, Baé, Nedina e seus dois filhos foram para Imperatriz, cidade do interior do Maranhão, que fica a 639 quilômetros distante da capital do Estado, São Luis.

Os quatro chegaram na rodoviária já de noite, um lugar escuro, onde, naquela hora, quase não tinha mais ninguém. Para se esconder da chuva forte que caía na região, a família decidiu ficar ali mesmo no terminal. Eles não tinham mais nenhum dinheiro e, por isso, provavelmente não conseguiriam um lugar para passarem a noite. Vavá e Boni sentiam frio e, há algum tempo, não comiam

nada. Tudo que eles queriam era um lugar sossegado para descansar e esquecer a fome.

- Mãe, fica aí que eu vou arrumar um lugar para a gente dormir! - gritou Gervásio, já na chuva.

- Vem, Boni - completou o caçula.

Os meninos saíram sem nem ao menos conhecer a estrada, era a primeira vez que passavam pela cidade. Mesmo assim, não precisaram caminhar muito. Ao lado da rodoviária, tinha uma casa grande, construída apenas no segundo pavimento. Na parte de baixo havia algumas paredes que sustentavam a construção e formavam espécies de beco, dois, um ao lado do outro. Vavá chamou Boni para ver o local, que mais parecia estar abandonado. Havia muito tijolo espalhado pelo chão, e em cima deles, muitas fezes espalhadas. O lugar estava infestado de cocô e parecia não ser limpo há dias.

- É aqui que a gente vai dormir - esbravejou Vavá.

- Mas isso aqui está fedendo! - Boni respondeu.

- Me ajuda aqui! - Disse Gervásio pegando água da chuva para limpar o local.

Juntos, os meninos começaram a tirar os tijolos e fezes do terreno. Com a água que conseguiam pegar das poças formadas pela chuva, os filhos de Nedina limparam um dos becos e deixaram o local preparado para dormirem. Apesar de estar aparentemente limpo, o lugar continuou com o mesmo mal cheiro de antes. Mesmo assim, os dois foram chamar a mãe.

- Mãe, achamos um lugar para ficarmos!

Os quatro dormiram juntos, um ao lado do outro, para tentar espantar o frio. No outro dia de manhã, quando a mulher que morava na parte de cima da construção apareceu, os meninos ficaram com medo de que o trabalho que tiveram para limpar o lugar tivesse sido em vão. Foi Enedina que puxou conversa com a moça para saber o que ela queria ali.

- Sabe quem é o dono daqui? - perguntou Nedina - É que eu estava querendo pedir a ele para ficarmos aqui, depois acertamos tudo, porque agora não temos como pagar um outro lugar.

- Eu sou a dona. Vocês podem ficar! - respondeu a mulher - Eu queria agradecer aos meninos pelo que fizeram com o lugar. Isso estava nojento.

A moça foi até sua casa, onde morava com a filha, e pegou sabão e algumas escovas para que Enedina e os filhos tirassem o

mal cheiro do galpão. A família aproveitou a oportunidade para limparem também o beco ao lado, que ainda estava sujo com as fezes.

Já nos primeiros dias de estadia na região, Nedina percebeu que havia alguns vendedores de banana que passavam de casa em casa. Esses comerciantes já tinham seus fregueses certos na cidade e Enedina decidiu conversar com um deles em busca de emprego. A mulher explicou toda sua situação ao homem, em uma conversa que durou horas e pediu a ele que a vendesse um cento de banana fiado. Ela prometeu que assim que conseguisse dinheiro o pagaria, já que ele estava por ali de vez em quando. Sensibilizado, o vendedor aceitou.

Nedina começou vendendo banana por ali mesmo, para os vizinhos. Depois da primeira semana de venda, ela conseguiu acabar com as bananas que tinha, pagou ao comerciante o que lhe devia e comprou outras pencas da fruta para vender. Com o dinheiro que sobrou, Enedina comprou um saco de carvão e decidiu que venderia as pedras dentro de latas de óleo, ali mesmo perto de casa.

Enquanto a mulher cuidava do sustento da casa, Baé e os meninos davam um jeito de arrumar o lugarzinho onde moravam. Os meninos iam a lixos perto de casa procurar pregos e tábuas velhas que pudessem servir para Ulysses fechar o beco e ele ficava no terreno juntando madeira para formar a parede. Com um tempo, os três conseguiram construir duas casas a partir do galpão onde moravam, mesmo com vaias e implicâncias dos vizinhos que zombavam da construção improvisada.

- Olha como a casa deles balança... A casa vai cair - gritava o coro de moleques da rua.

A vida estava voltando a melhorar e eles já tinham um dinheirinho sobrando. À noite, Baé, Vavá e Boni iam para a porta do cinema vender gibis da turma da Mônica e dos super-heróis da Marvel. Quando algum cliente perguntava se a historinha era boa, Vavá fingia que já tinha lido e respondia que era a preferida dele. Mas os meninos, que já tinham dez e onze anos cada um, na verdade nunca tinham aprendido a ler, e por isso, eram obrigados a mentir para conquistar a clientela.

Esse passou a ser o principal objetivo da família. Para conseguirem que os compradores virassem fregueses do tipo fiel, todos da casa começaram a usar táticas para conquistá-los. Aumentar o número de carvões da lata, colocar bananas a mais na sacola e fazer entrega. Essas foram as principais artimanhas que a família de Nedina começou a praticar para chamar a vizinhança.

Com o aumento das vendas, Baé percebeu que as estratégias estavam dando certo. Como não tinha dinheiro suficiente para comprar um caminhão, decidiu comprar três bicicletas, o que já foi suficiente para impulsionar as entregas.

A casa, que estava cheia de cachos de banana pendurados por toda parte, começou a se encher de macacos. A família não se incomodava com os visitantes e logo ficou conhecida como *família dos macacos*. Nedina era chamada apenas de *mulher dos macacos*, Ulysses era o *homem dos macacos* e Vavá e Boni dividiam a título de *meninos dos macacos*.

Fazia pouco mais de um ano que Nedina estava em Imperatriz, quando uma notícia voltou a desestabilizar sua família. O comunicado veio por meio de uma carta escrita com caneta vermelha, com destinatário de Bom Conselho de Papa-Caça. Como não sabia ler, a mulher pediu que Baé lhe dissesse o que aquelas poucas linhas contava.

- É! O pai dos meninos morreu - Disse Baé, olhando para Enedina.

Vavá e Boni escutaram o que Ulysses falou e entraram em desespero, tudo o que queriam era viajar para encontrar o corpo do pai. Para eles, ainda estava em tempo de olhar uma última vez para João.

Na mesma semana em que recebeu a notícia da morte de Joãozinho, a família de Nedina foi obrigada a se conformar com outro contratempo. Os meninos faziam as entregas das bananas e do carvão na vizinhança, enquanto Baé e Nedina cuidavam da casa. Em uma discussão por causa do trabalho, o homem se alterou e partiu para cima de Enedina. Foi quando a mulher começou a gritar, berros que podiam ser ouvidos do outro lado da rua.

Os meninos, que já estavam na porta de casa, escutaram o choro da mãe, mas já estavam acostumados a presenciar as brigas do casal. Quando se metiam, acabavam apanhando junto.

Ulysses batia em Enedina com frequência, às vezes usando pedaços de pau ou facão, no entanto, dessa vez foi surpreendido. A vizinhança, assustada com os gritos da moça, chamou a polícia, que logo apareceu na janela de Nedina para saber o que estava acontecendo.

Os policiais cercaram a casa e mandaram que Baé deixasse o local, mas o homem pegou uma faca que estava perto de sua mão e apontou contra um dos oficiais. Outro militar que participava da ocorrência, puxou a arma para Ulysses e ordenou que ele largasse sua faca. O companheiro foi algemado e levado para o posto policial da região.

Antes de entrar na sela, Baé foi autorizado pelos policiais a ligar rapidamente para Nedina, antes que eles o levassem preso. No telefonema, o homem explicou que estava prestes a ser encarcerado e pediu para que a companheira desse um jeito de tirá-lo de lá, antes que os oficiais o matassem de tanto apanhar.

- *Véi*, fica calmo, eu vou te tirar daí! - disse Nedina, tentando acalmar Baé.

Nessa hora, Enedina pensou rápido. Ela lembrou do general de um quartel da região que sempre lhe comprava carvão e já era amigo da família. Correndo, foi até o homem e lhe pediu para que desse um jeito de tirar Baé da cadeia.

- Pode ficar tranquila. Você vai ter seu marido de volta! - disse o general, tirando alguns papéis de uma gaveta velha e arrumando em cima da mesa.

O general escreveu uma carta comprida, pedindo para que os policiais do posto onde Baé estava o libertassem o mais rápido possível. Depois de assinar, o amigo de Nedina deu-lhe o papel e disse-lhe para entregá-lo ao delegado que estava com Ulysses.

Ao chegar onde o companheiro estava, Enedina mostrou ao delegado o papel que seu cliente havia lhe entregado e perguntou a ele se seria possível libertar Baé. O homem riu de Nedina, e disse-lhe que ela tinha exatamente vinte e quatro horas para sumir da cidade, ela, os filhos e Ulysses. Os policiais não queriam mais ver o homem - que já tinha passagem pela polícia - na região.

Sem muita demora, os quatro voltaram para casa correndo, arrumaram suas coisas e pegaram o pouco dinheiro que lhes sobrou. As casas que tinham construído e que já eram consideradas da família foram trocadas uma por um revólver calibre 32 e outra por um macaco treinado, o Zuca. Foi com algumas malas, pouco dinheiro e um macaco prego que Nedina, Baé, Boni e Vavá deixaram Imperatriz, escoltados até a rodoviária por um carro de polícia.

## CAPÍTULO 10 – Adeus ao herói

“Pai!  
Pode crer, eu tô bem  
Eu vou indo  
Tô tentando, vivendo e pedindo  
Com loucura pra você renascer”  
(Pai – Fábio Jr.)

Já fazia algum tempo que João tinha morrido, mas para Vavá e Boni, ainda era tempo de se despedirem do pai. Depois que deixaram Imperatriz às pressas, Baé, Nedina e os meninos foram para a casa de Luís, um tio distante das crianças, que morava em Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas. Lá, Ulysses e Enedina ficariam apenas por alguns dias, somente tempo suficiente para que Vavá e Boni visitassem Bom Conselho, em busca de notícias sobre a morte do pai.

Com medo de que a mãe acabasse desistindo de lhe dar dinheiro para a viagem, por causa do padastro, José Bonifácio conseguiu comprar, com algumas economias que Nedina lhe dera, uma bicicleta. E foi nela que o menino seguiu para Bom Conselho. Vavá, sem a mesma disposição e dinheiro, implorou à mãe que lhe desse uma passagem e o colocasse em um ônibus para ir até sua cidade natal. Enedina, vendo o desespero e tristeza do caçula, contou algumas cédulas e embarcou Gervásio em um ônibus para Papa-Caça.

Da rodoviária, Vavá foi direto para a casa do tio Benedito, onde Boni já estava instalado. No outro dia de manhã, o caçula foi sozinho até o cemitério da cidade, visitar o túmulo do pai. João já havia morrido há algum tempo, com cirrose. Os tios de Gervásio comentaram com o menino que seu pai morreu triste e solitário. Joãozinho, fazia tempo que não tinha notícias do filho e da ex-mulher, o que o fez beber todo dia. Ele passava o dia fora de casa, nos bares da região. À noite, quando chegava, ia direto dormir. Ele repetia a mesma rotina várias vezes na semana.

Saber da morte do pai e voltar ao lugar onde tinha morado com ele, fez com que Gervásio sentisse mais saudade ainda do seu herói. Cada lugar que ele visitava, toda história que escutava e os lugares para onde ia, tudo fazia o caçula lembrar o pai. João fora a pessoa mais importante da vida de Vavá e era de quem ele mais sentia orgulho. Nos dias que passou em Bom Conselho, Gervásio se

culpou por não estar ao lado de João na hora em que ele morreu. Para o menino, se estivesse com ele na casa de farinha as coisas poderiam ter sido diferentes. Gervásio poderia ter impedido que o pai bebesse tanto e talvez até o tivesse convencido a procurar outra mulher e esquecer Nedina. Vavá tinha certeza que o amor que Joãozinho sentia por sua mãe o levava à morte.

As lembranças invadiram Gervásio. Era como se cada parte de Bom Conselho carregasse um pedaço de seu pai. O menino lembrou das noites em que dormia enquanto o pai lia cordel para ele e depois, já cansado, o carregava para dormir no cocho, dos lanches à base de chá de capim-santo e milho assado e das noites acordado moendo farinha. Vavá lembrava disso com saudade, saudade do melhor ano que vivera ao lado do pai, de quem ele não teve chances de se despedir.

O super-homem precisou partir, mas deixou em Vavá uma vontade de ir junto. Durante a viagem de volta para Palmeira dos Índios, onde sua mãe o esperava mais Baé, Gervásio só pensava que ele queria estar com o pai, esteja onde estivesse.

## CAPÍTULO 11 - Zuca

“Minha vida é andar por esse país  
Pra ver se um dia eu descanso feliz  
Guardando recordações das terras onde passei  
Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei”  
**(Vida de viajante – Gonzaguinha)**

Depois da visita a Bom Conselho, Vavá e sua família passaram pouco tempo na cidade do tio Luís. Dali de Palmeira dos Índios, ele, Boni, sua mãe e o padrasto foram procurar um lugar para viver. A próxima parada de Gervásio seria Maceió, a capital de Alagoas, distante quase 136 quilômetros de onde estavam.

Outros costumes, novos sotaques, gente e cultura diferente dos vários lugares pelos quais os quatro andarilhos já tinham passado. Cidade grande, capital do Estado. Nedina e Baé perceberam que a vida naquele lugar seria difícil. Eles tinham pouco dinheiro, não conheciam ninguém e nem sabiam como arranjar um lugar para morar. Tudo o que tinham era um macaco com macacão bonito que sabia fazer alguns truques. Zuca fora treinado por seu antigo dono, que no dia em que entregou o macaco também ensinou à família de Vavá como lidar com o animal. E agora era ele a única fonte de renda daqueles quatro.

Quanto ao lugar onde viveriam, eles logo deram um jeito, mas talvez não o melhor. Estava garoando e a família viajante decidiu se abrigar em uma casa abandonada que havia na rua onde estavam. O lugar era escuro, pequeno e estava, literalmente, caindo aos pedaços. Para se esconder da chuva que prometia aumentar, decidiram que era ali mesmo que tinham que dormir. Mas ainda na primeira semana de estadia da família, um vizinho, sensibilizado com a situação dos novos moradores da cidade, convidou Nedina, o companheiro e os dois filhos para morar com ele em sua casa. Um pouco receosa, no entanto mais preocupada com a segurança dos

filhos, a mulher aceitou o convite, e naquela noite mesmo juntou suas coisas e chamou todos para a casa de Jorge.

Seu Jorge morava bem perto de onde Vavá e a família estavam abrigados, em uma casa grande, com muitos quartos, sala ampla e cozinha bem arrumada. O homem logo abrigou cada um de seus hóspedes, que dormiram tranquilos enquanto a chuva forte caía lá fora.

No outro dia de manhã, todos acordaram assustados com a aglomeração de pessoas que se formava bem perto dali. Uma casa havia caído por conta da força da água e os vizinhos procuravam sobreviventes.

- Uma família estava morando aí. Deve ter alguém vivo. Acudam! Acudam! - gritava o coro assustado.

Nedina e os filhos não demoraram a perceber que os sobreviventes que procuravam eram eles. A casa onde estavam tinha caído na mesma noite em que eles saíram de lá.

O senhor generoso, que os chamou para viver com ele, vivia com a mulher e um casal de filhos, um menino tímido e uma moça bonita, que logo chamou a atenção de Gervásio e José. Na disputa pela garota, o caçula perdeu e, por isso, decidiu “melar” o namoro do irmão.

O dono da casa era um homem muito bom, mesmo gostando de beber uma pinguiha de vez em quando. Quando chegava bêbado em casa, sem enxergar bem os móveis, Vavá gritava para a mãe: “Mãe, olha Boni lá no quarto”. Apesar da preocupação, Nedina ria.

■ Menino, sai daí. Você quer me complicar? - Dizia Enedina cochichando na porta do quarto da menina e atrapalhando o clima de romance dos dois.

Apesar das más intenções de Vavá, Jorge nunca descobriu o namorico da filha com um de seus hóspedes.

Durante o dia, apenas Boni e a mãe ficavam em casa. Gervásio saía cedo para procurar o lugar onde montaria a roda para as apresentações de Zuca, era o menino quem mais trabalhava com o macaco. José Bonifácio era tímido e, por isso, não tinha muito jeito com o novo serviço da família. Baé ia para o bar beber e só depois disso tinha coragem suficiente para render Vavá e trabalhar em seu lugar.

Os truques eram sempre os mesmos, e quando o ponto não atraía mais tantas pessoas e o dinheiro começava a diminuir, Gervásio e Zuca saíam à procura de outro lugar dentro da cidade para fazerem suas apresentações. Foi assim por mais ou menos um

ano, até que todos na cidade conhecessem as gracinhas de Zuca e a família de Gervásio decidisse ir embora de Maceió.

Com o dinheiro que economizou, a família foi para Sergipe, onde deu entrada em um hotel bem no centro de Aracajú. Mas apesar de estarem na capital, Baé e Vavá perceberam que ali não teriam movimento suficiente para se manterem por muito tempo. Os pontos eram fracos, quase não tinha gente. Os andarilhos fizeram apenas quatro rodas na cidade, depois recolheram suas coisas e voltaram para a estrada.

A próxima parada foi na Bahia, estado vizinho de Sergipe. Esperançosos, Vavá e a família instalaram-se direto na capital. Salvador é a cidade mais populosa do Nordeste, a terceira com maior população do Brasil, e já na década de 1970 tinha mais de 1 milhão de habitantes. Com este cenário auspicioso, Ulysses começou a acreditar que finalmente teria encontrado o lugar onde viveria para sempre. No entanto, a sensação durou pouco.

O dinheiro que tinham guardado não era suficiente para que os pernambucanos comprassem uma casa na parte nobre de Salvador. Assim, os quatro decidiram usar suas economias para pagar um barraco pequeno, na favela mesmo, lá no alto do morro. Vavá tinha medo de descer para o asfalto só e, no caminho, ser roubado por alguém mais forte. Com medo de perder Zuca, o menino quase nunca ia trabalhar, nem ele nem a mãe, que talvez por preconceito, também se negava a sair de casa e deixar suas coisas abandonadas no barraco. Sem ter como ganhar dinheiro, a família voltou a passar fome e logo vendeu o barraco para ir embora da capital baiana.

Ulysses insistia em achar uma cidade onde ele poderia parar para cuidar da nova família. Um lugar grande, que lhe oferecesse chances de subir na vida. Com isso, usando Zuca como maneira de ganhar dinheiro, Vavá, Baé, José e Nedina começaram mais uma viagem.

Na lista de tentativas, estão as cidades de Tucano, Cícero Dantas e Juazeiro. No entanto, nenhuma delas satisfaz os andarilhos. Em cada um desses lugares, os pernambucanos passaram dias, no máximo alguns meses, que lhes trouxe uma experiência diferente.

A primeira coisa que faziam ao chegar em uma nova região, era ir até a delegacia mais próxima pedir autorização para montar rodas para apresentações do macaco: fingir-se de morto, contar o dinheiro que ganhou no trabalho e puxar “conversa” com as pessoas da roda. Depois que Zuca terminava todos os seus truques e as feiras começavam a esvaziar, a família de Vavá juntava tudo e ia para outra cidade. Foi assim por quase um ano, até que a família do macaco conseguisse achar o lugar que para eles seria ideal.

## CAPÍTULO 12 - Feira de Santana

“Além do horizonte deve ter  
Algun lugar bonito  
Pra viver em paz  
Onde eu possa encontrar  
A natureza  
Alegria e felicidade  
Com certeza”  
**(Além do horizonte – Roberto Carlos)**

A próxima parada de Vavá e sua família foi em Feira de Santana, mais precisamente no distrito de Santa Bárbara. Eles chegaram ao local à noite, quando a cidade estava vazia e não tinha mais a quem pedir informação.

O ônibus deixou-os na rodoviária, onde os pernambucanos encontraram algumas lonas e mesas de madeira que os moradores do lugar provavelmente usavam para montar suas feiras. Sem dinheiro para comprar ou alugar um local para viverem, os quatro andarilhos tiveram que improvisar. Juntaram algumas daquelas mesas, no máximo três, e as cobriram com uma das lonas azuis, para não passarem frio. Eles dormiram ali, um abraçado no outro, no meio da rua de Santa Bárbara.

Quando amanhecia, todos saíam para procurar padarias que precisassem de serviço ou feiras onde Nedina pudesse vender alguma coisa. Vavá ainda fazia apresentações com Zuca, que logo conquistou fãs por toda Santa Bárbara. Um dia, um desses admiradores do macaco ofereceu uma boa quantia à família pernambucana em troca do pequeno Zuca. Como precisavam de dinheiro e viram que o animal seria bem tratado pelo homem, Baé e Nedina decidiram vender.

Dormir na rua, em baixo de mesas particulares, acordar cedo e procurar emprego. Os recém-chegados à Feira de Santana repetiram a mesma rotina, durante vários dias, até que Ulysses e Enedina encontrassem um trabalho para sustentá-los.

Não demorou muito, a moça começou a vender pinga e tira-gosto na feira que montou no Centro de Abastecimento do município, enquanto Baé trabalhava em um padaria da região. Com o salário que recebiam e o dinheiro que conseguiram com a venda do macaco, os dois alugaram um quarto em uma pensão do bairro Cruzeiro. O lugar era pequeno, tinha apenas espaço para as camas. O banheiro era comunitário e ficava em um corredor separado, para que todos da pensão pudessem usar. A família de Nedina decidiu ficar lá por algum tempo, até conseguirem algo melhor.

Depois de quase um ano, Enedina e o companheiro alugaram uma casinha pequena, e saíram da pensão onde moravam. Os vizinhos, um casal idoso com problemas mentais, quase não passavam o dia em casa, pois ficavam na rua, jogados, pedindo esmolas. Quem cuidava do terreno era a filha dos dois. Uma menina bonita, de apenas doze anos, que fora quando mais nova apelidada de Dorinha. A adolescente, que vivia praticamente só em casa, viu o pai matar a mãe na sua frente, no meio da sala de estar.

Antes de morrer, a mãe de Dorinha pediu para que Nedina tomasse conta da menina e a criasse como se fosse mais uma filha. Enedina, depois da morte da mulher, cumpriu sua promessa e pegou a garota para criar.

Uma boca a mais para alimentar. Ulysses já tinha a certeza que era ali, naquela cidade, que ele e a família iriam morar. Agora, só faltava ele conseguir a casa ideal.

Gervásio, vendo a situação da família, também decidiu arranjar um emprego. Ele estava com treze anos e usou a documentação de seu pai para conseguir o trabalho. A sorveteria paulista provavelmente fingiu que não percebeu que o RG, trazido de Bom Conselho e apresentado por Vavá, dava ao menino uma idade quase quatro vezes maior. O problema é que nem Gervásio nem José Bonifácio eram ainda registrados.

Vavá ficou um bom tempo no emprego, só pediu demissão depois que a mãe decidiu mudar-se para outro bairro, um lugar mais movimentado e perto da padaria onde seu padrasto trabalhava.

Um pouco antes de mudarem-se, enquanto Nedina trabalhava na avenida Getúlio Vargas, vendendo doces na rua, a mulher encontrou, por acaso, uma das filhas de Baé. A menina tinha a idade de José Bonifácio e estava perambulando pela cidade. Maria Betânia reconheceu a madrasta e foi com ela embora.

A nova casa da família pernambucana ficava ao lado da padaria do seu Manoel, onde Baé trabalhava. Ulysses saía ainda de madrugada para o local e ia amassar pão. A panificadora era pequena, montada no fundo de onde morava Manoel, e atendia apenas as demandas da prefeitura. Era de lá que saíam os pães que abasteciam as escolas de toda a região de Feira de Santana.

Boni já estava com quinze anos e Vavá completaria quatorze daqui a alguns meses. Com um tempo, Baé começou a implicar com os garotos pelo fato de não estarem trabalhando. O homem xingava os meninos e reclamava que era o único a pagar as despesas de casa.

Quem não gostava das gritarias de Ulysses era Nedina, que tinha a consciência de que os filhos desde cedo a ajudaram a conseguir tudo o que hoje ela tinha. Como forma de se vingar pelos comentários do companheiro e obrigá-lo a deixar alguma coisa para os meninos, caso acontecesse alguma coisa, Enedina disse a Baé que ele teria que registrar seus filhos.

- Se quer filho meu trabalhando, vai ter que registrá-los - avisou Nedina, brava.

No outro dia mesmo, Ulysses foi ao fórum da região e registrou os dois filhos de Nedina, como se ele e sua legítima mulher, Maria de Fátima, fossem os pais dos meninos. Depois disso, o homem chamou os dois enteados para trabalharem com ele na panificadora do seu Manoel.

Boni trabalhava amassando os pães, junto com o padrasto. Já Gervásio, como não gostava de acordar cedo, ficou ajudando seu Manoel na Kombi. O menino ia, por volta das seis da manhã, entregar os brioques nas escolas públicas de Feira. Seu Manoel era um homem bom, ajudava Vavá no que podia. Antes de sair da casa,

bebia alguns copos de cachaça e ia trabalhar, dirigindo o carro de entrega. Apesar de bêbado, nunca chegou a bater o veículo.

A família de Nedina já estava com a situação financeira voltando a se estabilizar. Com todos trabalhando, eles conseguiam juntar dinheiro suficiente para a compra do básico e ainda conseguiam economizar para quando precisassem.

Depois de alguns meses, Maria Betânia disse ao pai que voltaria para perto da mãe. Desde que o homem fugiu de Garanhuns, nunca mais teve notícias da mulher e dos cinco filhos.

- Mamãe está em São Paulo, pai! - avisou a filha mais velha de Baé.

O homem mandou uma pequena quantia em dinheiro para a ex-esposa por meio da filha que embarcou em um ônibus para a capital paulistana. Pouco tempo depois que Maria Betânia foi embora, os filhos de Baé começaram a aparecer em Feira de Santana, de um por um. Jeane, Solange, Aildo e Aparecida foram morar com Ulysses a mando da mãe deles, que afirmava que o homem tinha mais condições de criar o filho.

A casa era pequena, mas, atenciosa com a situação do companheiro, Nedina fez questão de arrumar um lugar para cada um de seus enteados. Quem não se dava muito bem com os filhos do padrasto era Vavá. Depois que as crianças chegaram, Baé ficou ainda mais violento e batia nos meninos, Boni e Vavá, por qualquer coisa.

Um dia, depois que voltou da feira, Nedina trouxe para o almoço uma abóbora grande e madura. A mulher colocou o fruto para cozinhar em uma panela grande e com bastante água, enquanto os meninos brincavam, sentados na sala. O cheiro que tomava conta da casa chamou a atenção dos filhos de Baé, que se aproximaram rápido do fogo para beliscar o almoço. Pela alta temperatura, Vavá disse aos meninos para se afastarem, pois era perigoso. A água estava fervendo e, para implicar, o caçula de Nedina tirou a tampa da panela e pegou um pedaço da abóbora. O menino, que era mais velho que os outros, quis mostrar aos outros que, por ser maior, podia mexer no fogão.

Quando Vavá tirou a tampa da panela onde o fruto estava sendo cozido, a água quente respingou nos meninos que estavam por perto. Na mesma hora, os filhos de Baé começaram a gritar pelo pai. Gervásio, sabendo que levaria uma bronca, jogou o pedaço de abóbora que tinha na mão direto na parede, espalhando a comida por todo lado.

Baé veio do quarto com raiva e começou a xingar o menino. Mesmo explicando que fora sem querer, Vavá apanhou do padrasto. Nedina sempre assistia a tudo calada. Por medo de apanhar

também, a moça nunca se metera nas brigas do companheiro com os filhos. No entanto, neste dia foi diferente. Enedina começou a gritar e disse a Ulysses que nunca mais moraria em uma casa onde ele pagasse o aluguel. Agora, ela iria ter a casa dela, onde poderia, por direito, fazer o que quisesse, como bem entendesse.

A moça começou a guardar dinheiro. Para que o marido nem os filhos vissem seus trocados, Nedina enrolava cédula por cédula e ia enfiando na barra da saia que ela usava por cima de suas calças.

Logo depois da discussão, todos arrumaram as malas e seguiram caminho para outro canto do município. No bairro Campo do Gado, foi onde tudo começou a ficar mais fácil para a grande família pernambucana. Baé conseguiu emprego em uma das padarias mais importantes da região e levou Nedina para ajudá-lo. A família era responsável por quase toda a panificadora e trouxe ao dono, seu Iromar, um lucro e tanto.

A antiga família do macaco, agora era família do pão. Para não se afastarem do local de trabalho, Vavá teve a ideia de sugerir à mãe que invadissem um terreno, perto de uma plantação de fumo e atrás de um matadouro, bem no centro do bairro campo do gado. Algumas famílias já estavam construindo no terreno e Nedina achou que pudesse dar certo. A moça comprou algumas lonas, madeira e levantou uma casinha simples, bem parecida com aquela onde moraram em Garanhuns. Uma casa de estrutura feita de taipa e telhado improvisado com uma longa lona azul. O cheiro incomodava, mas foi ali mesmo que a moça decidiu viver.

Depois de completar dezoito anos, Boni teve que deixar o trabalho na padaria e ir para o exército, deixando o irmão sem companhia para as coisas que antes faziam juntos. Pouco tempo antes de viajar para servir à Força Nacional, José Bonifácio foi com o irmão, Gervásio, para Salvador. Acreditando que dessa vez pudessem ter uma vida melhor na capital baiana, os meninos foram levados por uma propaganda no rádio que oferecia emprego na fábrica da maior marca de refrigerante do mundo. Vavá foi quem ouviu o anúncio e, crente que ia se encher de refrigerante, convenceu o irmão a ir tentar a sorte.

A promessa de emprego não era nada parecida com o sonho de Gervásio. O trabalho era de carregador e eles teriam que passar o dia levantando e descendo caixas e caixas do refrigerante.

- Não! Não gostei disso aqui não, Boni. *Vamo* embora! - avisou Vavá.

- Ah, agora já *tamo* aqui, *vamo* ver se a gente acha alguma coisa.

José Bonifácio foi procurar emprego nas padarias da região e, em uma de suas tentativas, descobriu um lugar onde o dono da panificadora era irmão de um de seus ex-patrões.

As máquinas que Boni usava no novo emprego eram completamente diferentes das usadas nas padarias de Feira de Santana. José ficou tão impressionado com a tecnologia da padaria *Lee* que não queria deixar o lugar. Ele era o primeiro a chegar e o último a sair. Se oferecia para fazer qualquer tipo de trabalho e logo conquistou a confiança do chefe. Na madrugada, no horário de descanso dos padeiros, todos se reuniam perto do forno e ficavam contando histórias de suas vidas. Em uma dessas, enquanto esperavam o pão assar, um homem começou a contar da vez em que, supostamente, teria visto um avestruz amassar e comer um fusca inteiro. Boni riu da história do colega e disse que ele estava mentindo. O padeiro, indignado, partiu para cima de José Bonifácio e disse que iria matá-lo pela ofensa. Todos correram para separar a briga e pediram que os dois se acalmassem, pois o dia já estava quase amanhecendo e logo o patrão chegaria para resolver o problema. O homem descontrolado se acalmou, mas Vavá, que acompanhava o irmão em seus dias de trabalho, ficou de guarda vigiando o sono de Boni.

No outro dia, bem cedo, o dono da padaria chegou e já estava sabendo do que tinha acontecido. Depois de todos darem sua versão do que tinha acontecido, a decisão do homem foi surpreendente, ele demitiu o suposto mentiroso.

- Mas eu trabalho aqui a muito mais tempo que ele! - contestou o homem.

- Acontece que ele está fazendo um trabalho muito melhor que o seu. Sem contar que todos disseram que foi você quem começou a briga! - respondeu o patrão - Preciso que vá embora!

Vendo a situação, Boni se sentiu obrigado a intervir.

- Senhor, desculpa eu me intrometer. Mas é que eu precisava mesmo ir embora. Meu irmão não está gostando da cidade, eu tenho que levar ele de volta. Quem sabe depois eu até volte, mas agora tenho que ir. Deixa ele trabalhando aí.

O homem aceitou a sugestão de José Bonifácio, que, depois de quinze dias, voltou com o irmão para Feira de Santana.

Depois da viagem, demorou pouco até que Boni precisasse sair de Feira de Santana para servir o exército. Sem a companhia do irmão e nem vontade de voltar a trabalhar com o padrao em padarias, Vavá aceitou um pedido da mãe e foi ao interior de Pernambuco buscar algumas primas para morar com eles.

Nedina lhe deu dinheiro para comprar roupas, um par de sapatos e comida durante a viagem. Mas, logo que chegou em Bom Conselho, Vavá esbanjou todo o dinheiro que a mãe havia lhe dado e, ainda por cima, brigou com uma de suas primas ainda na primeira semana de estadia na cidade. Com raiva, o menino pediu para que sua tia Hosana, que na época tinha algum dinheiro, o levasse de volta para Feira de Santana, mas a mulher acabou deixando-o na rodoviária da cidade.

Sem dinheiro suficiente para voltar para casa, Gervásio ficou ali mesmo, na rodoviária, durante horas, até que apareceu alguém para ajudá-lo. De longe, o menino viu um caminhão, parado e cheio de gente na carroceria. O garoto começou a puxar conversa com o caminhoneiro e acabou lhe pedindo uma carona até Águas Belas, cidade que era caminho para o homem e que ficaria mais perto de sua casa.

Durante a viagem, Vavá gastou o restinho do dinheiro que tinha comprando comida para os companheiros de viagem, que pareciam estar há dias sem comer. Depois da pausa para o lanche, o garoto pegou no sono e acabou passando de sua parada. Gervásio foi com o caminhão até seu destino final. Uma usina grande, que ficava escondida no interior de Pernambuco. Como estava sem dinheiro, o adolescente achou que até seria interessante ficar ali por um tempo, até que ganhasse dinheiro para ir embora.

Depois de descer do caminhão e ter contato com o povo no canavial, Vavá se surpreendeu com o lugar onde estava. Trabalhadores, cobertos dos pés à cabeça, que mais pareciam escravos, e jagunços espalhados para todo lado, armados com espingardas, só esperando que alguém tentasse fugir para que atirassem.

O menino não estava acostumado com o serviço pesado que tinha que fazer, enquanto os homens o vigiavam. Sua falta de jeito com o corte de cana o causou grandes transtornos. Mãos esfoladas, pernas cortadas e uma tremenda dor nas costas. Durante todo o dia, quase sem tempo para comer, o menino era obrigado a trabalhar com aquilo.

O dinheiro que recebia era pouco, mas ele nem ao menos tinha chances de gastar, pois era proibido deixar o canavial. Tudo que Vavá queria era fugir, mas ele não sabia como. Aquelas pessoas pareciam estar ali a meses, sem nenhuma chance de escapar.

Eis que apareceu a oportunidade do garoto. Os donos do canavial prometeram a todos os cortadores de cana uma viagem para o centro da cidade, onde poderiam assistir o sermão do Frei Damião.

O grupo de trabalhadores que Gervásio havia alimentado na viagem juntou uma quantia de dinheiro e ajudou o menino a fugir durante a ida para a missa. Como ele havia trabalhado pouco, devido a sua falta de experiência, Vavá não tinha conseguido juntar quase nada e o dinheiro que ganhou dos colegas foi o que o mandou de volta para casa.

Ele saiu do caminhão escondido, pulando de carro em carro, até conseguir se esconder atrás de uma árvore grande. Lá, o menino ficou até que o caminhão fosse embora.

O caçula de Nedina chegou à Feira de Santana machucado, com marcas pelo corpo e bem mais magro do que antes. Dormiu durante dias, até que estivesse completamente recuperado do episódio.

Um dia, andando distraído pelas ruas da cidade, a ideia do novo emprego logo veio à cabeça de Vavá. O menino ficou parado, observando o movimento de ônibus na região e disse que era naquilo que ele iria trabalhar. Uma empresa pequena de coletivos que ia do ponto final ao centro várias vezes por dia. Foi nela que Vavá conseguiu seu primeiro emprego como cobrador.

Ele levantava cedo e ia direto para a rodoviária esperar o carro sair. Passava o dia girando catraca e contando dinheiro atrás de uma caixeta de madeira. O salário era bom e já ajudava nas despesas de casa. Mas, mais que isso, Vavá decidiu usar parte do dinheiro que recebia com as viagens para frequentar a escola.

Ele ia para a aula já à noitinha, depois que chegava do serviço. Vavá até tinha ido à escola em Garanhuns, mas lá, o único interesse do menino era no lanche que serviam no meio da tarde.

Foi em Feira que o caçula de Nedina, agora com dezessete anos, aprendeu a somar, dividir, multiplicar. Ler ele bem que já sabia um pouco, aprendeu com as revistinhas que vendia na porta do cinema, em Imperatriz. Mas na escola ele entendeu que aquele *erre* dobrado que ele sempre via nos quadrinhos do Chico Bento tinha um significado e não se tratava de um erro de quem escreveu a história.

## CAPÍTULO 13 - Maria de Lurdes

“Você é  
Minha doce amada, minha alegria,  
Meu conto de fadas, minha fantasia;  
A paz que eu preciso pra sobreviver.  
Eu sou o seu apaixonado  
De alma transparente,  
Um louco alucinado,  
Meio inconsequente”  
**(É o amor – Zezé di Camargo e Luciano)**

Nascida em roça de um bairro humilde, no interior de Araci (BA), Maria de Lurdes foi criada pela mãe e pelo pai com mais sete irmãos. Aos doze anos, ficou grávida de seu namorado, que a abandonou assim que soube da gravidez da menina. Teve seu filho sozinha na casa de uma amiga, enquanto todos estavam em uma festa no bairro vizinho. Nesta época, a adolescente passava mais tempo com as colegas do que em casa, com os pais. Era uma garota festeira, que adorava beber, mesmo depois de grávida.

Lurdes não queria dar trabalho para os pais e assim que descobriu que estava esperando um filho, decidiu sair de casa de

vez. Sem ajuda para criar seu bebê, a menina teve medo de que ele passasse dificuldades financeiras e o deu a uma vizinha. No mesmo dia, à tarde, Lurdes foi com uma amiga buscar imbu na roça. Na volta para casa, a mãe de primeira viagem comentou que não conseguiria viver longe do filho e iria buscá-lo assim que chegassem lá. Mas antes que Maria de Lurdes pudesse cumprir sua palavra, a vizinha, que tinha pego seu bebê para criar, apareceu.

- Lurdinha (Lurdes), meu pai me disse que eu não posso criar teu filho. Sou muito nova pra isso. Pegue! - disse a menina de quinze anos, entregando o bebê no colo de Lurdes.

- Ô! Eu já ia mesmo buscar meu filho.

Para sustentar o filho, Lurdes começou a trabalhar carregando bacias de água para mulheres de posse da região. Ela caminhava durante horas com baldes cheios d'água na cabeça. Repetia o mesmo trajeto várias vezes no dia. Quando chegava em casa, ia amamentar seu bebê, que passara o dia com a avó paterna do menino, sua vizinha.

Apesar disso, o pai do bebê nunca chegou a conhecer o filho, Lurdes jamais soube o motivo, mas pouco tempo depois de nascido, seu filhinho morreu. Por falta de médico e posto de saúde, a mulher não conseguiu socorrer seu nenê, que morreu enquanto dormia. A menina ficou desesperada e, no mesmo dia, voltou para a casa dos pais.

Depois da perda do filho, Maria foi para Feira de Santana procurar emprego. Ela começou a trabalhar em casa de família e, de quinze em quinze dias, tinha permissão dos patrões para visitar os pais em sua cidade natal.

Lurdes tinha uma patroa boa, que sempre que podia a ajudava com roupas e comida para levar para casa. Dona Mercedes era uma mulher atenciosa e, depois de um tempo, colocou Maria de Lurdes para estudar em uma escola perto de casa.

Em 1978, enquanto ia à feira, acompanhada da patroa, Lurdes pegou um ônibus que ia do centro até o ponto final. O cobrador era um menino simpático, de apenas dezessete anos. Ele ficou segurando o troco de Maria e da patroa, obrigando a garota a sentar-se perto dele. O garoto tinha um saco de pipoca e, para arrancar sorrisos da garota, ele começou a jogar nela os milhos que sobraram no fim do pacote. Lurdes fez-se de séria, pegou seu troco e desceu do coletivo com a patroa.

À noite, em seu quartinho separado do restante da casa, a menina não conseguia deixar de pensar no garoto engraçado que conheceu no ônibus.

- Onde será que mora o menino da pipoca?

Gervásio também foi embora lembrando da moça que não lhe deu nem um sorriso. Tudo o que ele sabia era a rua onde, provavelmente, a menina morava, já que ele ficou olhando pela janela do ônibus para onde ela estava indo.

Alguns dias depois, Vavá ouviu no rádio um anúncio que falava sobre a chegada de um circo na cidade. Na mesma hora, Gervásio deixou seu emprego na empresa de coletivo e foi tentar uma vaguinha nesse tal circo, que por coincidência, ou pura malandragem do adolescente, ficava bem ao lado de onde morava sua paquera.

O plano de Vavá deu certo. Os olhos de Lurdes reconheceram de longe o atirador de pipocas. Não demorou muito para que os dois comesçassem a namorar. E agora, apesar do incentivo da patroa, Maria não frequentava mais a escola, ela ia para as festas com o novo namorado.

Boni já tinha voltado do exército, quando Gervásio decidiu levar Lurdes para morar com eles. Quando viu que o irmão já estava morando com uma mulher na casa da mãe, Vavá decidiu fazer o mesmo. O caçula usou o dinheiro que tinha guardado para construir um cômodo aos fundos de onde a mãe morava. Foi lá que ele e Lurdes se instalaram.

## CAPÍTULO 14 – O circo

Lurdes estava grávida do primeiro filho de Gervásio, quando ele a deixou dormindo para viajar com o circo onde trabalhava para Salvador. O caminhão sairia cedo. Por isso, o menino nem ao menos teve tempo de se despedir.

Vavá viajou sem levar nada, apenas a roupa do corpo e pouco dinheiro no bolso. Preferiu comprar o que lhe faltava depois que recebesse seu salário, o que provavelmente não demoraria, já que a viagem só duraria um mês.

Mas, no caminho para Salvador, um problema no motor do caminhão atrapalhou os planos do garoto. Sem terem as peças necessárias para consertar o problema, os circenses que trabalhavam com Gervásio tiveram que viajar e escolheram o menino para cuidar do veículo, enquanto eles iam até a outra cidade.

Vavá não conhecia o lugar onde foi deixado. Percebeu apenas que era uma estrada comprida, coberta por muito mato, onde não passava praticamente ninguém. Gervásio avistou somente uma casinha pequena, perto de onde o caminhão o havia deixado. Foi o motorista do veículo onde o garoto viajava que pediu aos donos dessa casa que dessem comida a Gervásio, somente até eles voltarem. O homem pagaria pela ajuda assim que voltasse.

Vavá passou semanas na casa dessa família, uma senhora simpática de sorriso largo, o marido atencioso e duas filhas. Ele tomava café, almoçava e jantava com os quatro. No fim da tarde, quando sentia sono, o menino ia para o caminhão, onde passava a noite. Com medo de ser roubado, o menino cochilava em cima do capô, onde ficavam guardadas as ferramentas do circo.

Foi assim até o motorista voltar para buscá-lo. O homem chegou bem arrumado, com todas as peças na mão. O susto só veio quando ele percebeu que as ferramentas que usaria para trocar as peças do motor tinham sumido.

- Você ficou aqui só para cuidar disso! - reclamou o motorista para Gervásio.

O menino saía várias vezes durante todos os dias que passou lá, mas nem imaginou que tudo o que guardava havia sido levado.

- Agora, vai ter que pagar - completou o homem.

- Vocês me deixam aqui, sozinho. Dormindo em casa de gente que eu nem conheço. Sem roupa limpa, comida ou dinheiro - Disse Gervásio, se defendendo.

Estressado, o adolescente pediu o dinheiro que o homem lhe devia, referente aos meses que já tinha trabalhado no circo ainda em Feira de Santana, e disse que iria embora.

Mas Vavá acabou recebendo muito menos do que haviam prometido. O problema é que o tal caminhoneiro lhe cobrou o valor de todas as ferramentas roubadas do caminhão. Com parte do que sobrou, Gervásio pagou os donos da casa pela estadia, mesmo contra a vontade deles e depois foi embora.

Sem fazer ideia de onde estava, o caçula de Nedina caminhou durante horas, até chegar em uma cidadezinha pequena, no interior na Bahia. Nesse lugar, Gervásio comprou uma calça de marca cara,

uma camiseta, uma blusa de frio e um par de sapatos. Quando se preparava para voltar para estrada, onde tentaria pegar carona, Vavá encontrou um amigo que tinha viajado com ele no circo. O homem estava comendo e convidou Gervásio para acompanhá-lo.

O colega de Vavá o convenceu a ficar um pouco mais na cidade. Os dois foram a festas se divertiram e, já de madrugada, decidiram ir para a rodovia pegar um ônibus. Cada um estava com uma garota e acabaram adormecendo na beira da estrada.

Quando Gervásio acordou, com o sol batendo em seu rosto, se assustou. As meninas não estavam mais lá e ele estava apenas de cueca. Um senhor, que tinha uma banca perto de onde o menino dormiu, foi quem comunicou a Gervásio que ele havia sido enganado.

- Aquela moça que estava com você colocou a mão no seu bolso, pegou todo o dinheiro e ainda levou suas roupas - informou o vendedor.

O amigo de Vavá nesta hora já ia longe. Ele aproveitou que o menino se afastava para conversar com o senhor da banca e foi embora, de volta para o bairro onde estava.

Gervásio não quis desistir de suas roupas novas e foi atrás do amigo. Ele o encontrou sentado, fumando, perto de onde haviam lanchado. Mesmo perguntando ao colega onde estavam as garotas com quem tinham dormido, o homem não disse, preferiu fingir que não sabia. Vavá, então, decidiu procurá-las.

Depois de muito rodar pela cidade e não encontrar nada, o menino sentou na calçada, perto de uma casa com a porta aberta. De lá, saiu uma moça, alta, com cabelos compridos, saia curta e uma blusa de frio que ficava enorme em seu corpo.

- Quem te deu essa blusa? - perguntou Geraldo bravo.

- É de uma amiga minha! - respondeu a menina.

- E onde está essa sua amiga?

- Está trabalhando!

- Onde?

- Aí dentro!

Gervásio entrou no bordel com pressa, mas sem fazer barulho, para não assustar a ladra. Quando chegou no quarto onde a mulher trabalhava, ela estava nua, deitada na cama com a barriga para cima. Mais à frente, no quintal, Vavá viu sua calça e sua camiseta estendidas em um arame. Devagar para não acordar a moça, o menino foi até o varal, pegou suas roupas e saiu correndo. No

caminho, agarrou a moça que vestia sua blusa de frio e a obrigou a devolvê-la depressa.

Com suas roupas de volta, mais o dinheiro que recebeu no circo, Gervásio voltou para a estrada com seu amigo. Os dois caminharam sem rumo, até o anoitecer. Quando encontraram um canto escondido para passarem a noite, os meninos pararam para descansar. No lugar, tinha um lago raso, com pouca água, que Gervásio usou para lavar a blusa de frio e a camiseta que havia recuperado. Enquanto estava agachado na beira do córrego, se debruçando para pegar a água, seu colega pegou uma faca da cintura e partiu para cima de Vavá. No impulso, o menor conseguiu se defender. Os dois discutiram e, em outra tentativa, o amigo de Gervásio o acertou na barriga.

O corte foi de raspão, quase não pega em Vavá. Tapando a ferida superficial com uma camiseta que ganhara no circo, o menino começou a correr, enquanto era perseguido pelo vizinho.

Gervásio correu depressa, até não enxergar mais a ameaça. Em uma rodovia asfaltada e já descalço, Vavá caminhou durante toda a noite.

Perto do amanhecer, com os pés machucados, o filho de Nedina voltou a ser incomodado pelo antigo amigo. O homem vinha em direção a Gervásio com a faca na mão e depressa. Assustado, Vavá preferiu se abrigar em um posto policial, na beira da rodovia. Bebeu água, contou o que estava acontecendo e ganhou uma escolta até a cidade de Camaçari, cidade vizinha de Feira de Santana. Aparentemente longe do perigo, o menino voltou a caminhar.

Sem dinheiro para comida ou água, Vavá parava nas casas que encontrava no caminho para pedir alimento. Ganhava pacotes de bolacha, saco de carne com farinha e garrafas de água, que ele costumava economizar ao máximo para não faltar. Debaixo do sol escaldante do Nordeste, o menino chegou a desmaiar várias vezes pelo caminho, eram as únicas vezes que ele fechava os olhos.

Gervásio já estava fraco e já desistira de pedir carona. Nenhum caminhão parava. Com os pés em carne viva, Vavá foi socorrido por um casal de turistas, que procurava o caminho mais perto para chegar à Alagoinha. O menino se animou. Já sabia onde ficava o destino dos dois e inventou que a estrada mais curta passaria por Feira de Santa, exatamente onde ele desceria.

O carro deixou Vavá na rodoviária e seguiu viagem. O menino recebeu comida, água e carona de um conhecido que passava pelo local. Enquanto passava pela feira, perto de casa, Gervásio viu de longe o vizinho que viajara com ele no circo. Já fazia tempo que o homem tinha chegado na cidade e quando perguntavam por

Gervásio ele apenas dizia não saber do paradeiro do menino. Vavá fingiu que nem viu o homem que lhe fez passar todo aquele sufoco e foi direto para a casa.

## CAPÍTULO 15 - A visita

Depois que se recuperou da viagem com o circo, Gervásio e a família receberam, em casa, a visita de um irmão de Baé. Um homem ainda novo, com, no máximo, vinte e seis anos, mas com aparência de muito menos. Rafael era magro, alto e falava meio puxado. Usava roupas largas e tinha o hábito de andar sempre armado. O irmão de Ulysses chegou à cidade dizendo que procurava um emprego, mas nunca saiu para procurar um.

Depois de uns dias na cidade, Rafael começou a sair sempre acompanhado por um de seus sobrinhos, filho de Baé. Jonathan era menor de idade, estava com dezesseis anos, e ia com o tio para todas as festas da região.

Cada vez que saíam, tio e sobrinho voltavam com uma história diferente. Os dois sempre se metiam em briga. Quando as pessoas com quem discutiam falavam um pouco mais alto, Rafael pegava a arma e começava a atirar. O homem, em menos de um mês na cidade, já havia matado várias pessoas de Feira de Santana.

Um dia, à noite, Rafael e Jonathan se arrumaram para ir à festa de um amigo do menor, ali mesmo, perto de casa. Ao chegarem ao lugar, Jonathan perguntou pelo colega, que era caminhoneiro, e entrou. Lá dentro, o dono da festa se aborreceu com a presença de Rafael e pediu para que os dois fossem embora do lugar. Acontece que o homem já sabia dos crimes de Rafael e não queria que ele continuasse em sua casa. O irmão de Baé não gostou da maneira como o caminhoneiro o tratou e deu dois tiros contra o trabalhador. O amigo de Jonathan morreu na hora.

As histórias e a falação dos vizinhos não estavam agradando nenhum pouco à Nedina. A mulher temia que o mal exemplo atingisse seus filhos e a visita de Rafael acabasse fazendo com que os meninos comessem a fazer coisas erradas também. A mulher conversou com Ulysses, que se negou a expulsar o irmão de casa, e o pediu para escolher entre ela e ele. Baé se negou a tomar qualquer tipo de decisão e, na mesma noite, sua companheira arrumou suas coisas e foi embora com seus dois filhos e Dorinha, que agora fazia parte da família.

Mulher batalhadora, decidida. Nedina voltou para Salvador, onde já havia tentado morar antes. Lá, não demorou muito tempo: a moça, bonita e ainda muito atraente, encontrou outro amor. Ricardo era bem mais jovem que ela, era um rapaz também elegante e bastante cobiçado na cidade. Enedina logo se apaixonou pelo garoto, que logo foi morar com ela.

O romance da mãe com um garoto que era apenas um ano mais velho que ele não agradou nenhum pouco a Vavá. O menino disse à mãe que aquilo era inaceitável e que, por isso, iria embora de casa. Mas Nedina estava encantada demais para obedecer ao filho e deixar de lado sua paixão pelo menino.

Gervásio, que estava morando com duas mulheres em casa, Maria de Lurdes e Lourdes, juntou suas coisas e disse que não tinha mais nada para fazer em Salvador. Ele tinha que se separar da mãe. Apenas Maria de Lurdes, que já estava com Vavá há quase seis anos, pegou suas malas e foi embora com o companheiro. A outra mulher de Vavá, que tinha sido buscada por ele e Maria de bicicleta, preferiu não se separar dos pais e voltou para Feira de Santana.

## CAPÍTULO 16 - Brasília

Dos vários lugares por onde já tinha passado, o garoto de vinte e um anos decidiu que sairia de Salvador para viver em Brasília. Para ele, a Capital Federal, que, em 1983, data em que Gervásio mudou-se para lá, tinha apenas vinte e três anos, lhe traria a oportunidade de enricar e viver melhor.

No entanto, essa não seria a primeira vez que o menino visitaria o centro do poder. Em 1976, quando a mãe ainda vivia com Baé, ele, o padrasto, Nedina e Boni vieram para Brasília, em busca de uma vida melhor.

Os pernambucanos ficaram instalados em uma casinha simples, em Ceilândia, cidade satélite de Brasília. O aluguel do barraco era pago pelo GDF (Governo do Distrito Federal), que, além disso, também dava à família uma cesta básica por mês.

Foi nesta antiga viagem que Vavá teve sua primeira TV à cores, energia e até privada com descarga. A vida sem dúvidas era mais fácil e impressionava os nordestinos. Mas o sonho de Vavá teve fim logo depois de uma briga entre Ulysses e Boni. Briga da qual ele nunca soube ao certo o motivo.

Contra sua vontade, Vavá veio embora no mesmo ano e talvez devido aos resultados dessa primeira visita, o garoto tenha decidido mudar-se de novo para a capital.

Além da bagagem com suas histórias complicadas, suas saudades e esperança, Gervásio também trouxe, para a nova casa, sua mulher, suas filhas, Rosemeire, Geane e Lindalva, seu único irmão, José Bonifácio, e a mulher dele, Amanda. A família era grande e a vontade de que tudo desse certo naquele novo solo era maior ainda.

Gervásio e a família desembarcaram na antiga rodoferroviária, bem no centro da capital. Sem muita bagagem e com pouco dinheiro, os pernambucanos fizeram um lanche reforçado e começaram a caminhar à procura de onde passar a noite. Foi

quando, depois de algumas horas caminhando, Vavá e os outros encontraram uma invasão. Barracos de lona amontoados no fim da via da W3 Norte, foi lá que o homem montou sua primeira moradia em Brasília.

Agora, só era preciso que Gervásio e o irmão arrumassem uma maneira de sustentar a família. Os dois passaram a acordar cedo e sair em busca de algum emprego na região. O primeiro que encontraram foi em um restaurante grande, bem movimentado, onde começaram a trabalhar como garagistas. Eles ficavam na porta da empresa atendendo os clientes e estacionando seus carros.

Mas apesar de estar recebendo um salário suficiente para alimentar toda sua família, o pernambucano com sotaque baiano queria mais. Para ele, era preciso crescer na vida.

Andando pela cidade, Gervásio conheceu um grupo de pessoas que estavam para se mudar para um conjunto de casas próprias, em Samambaia Norte, assim como Ceilândia, outra cidade satélite de Brasília. Vavá, sabendo da novidade, se juntou à essa invasão e permaneceu nela até que todos, inclusive ele, ganhassem o terreno prometido.

Quadra 427, casa 16, Samambaia Norte, Distrito Federal. Agora, Vavá tinha endereço. Seu barraco era feito de tijolo, com porta, janelas, energia elétrica, e água encanada. Gervásio agora tinha até o nome na lista de endereço e recebia toda a tarde a visita do correio, mesmo que a única coisa que lhe trouxessem fossem as contas para pagar.

O melhor é que todo aquele sonho não havia lhe custado nada.

Com pouco tempo no local, a família de Gervásio, que tinha ficado na Bahia, começou a aparecer em Brasília. Mãe, padrasto e até os irmãos de criação. Todos passaram a morar juntos na mesma casa.

Vavá é quem sustentava todos, com um salário curto, que ganhava trabalhando como motorista de caminhão em uma empresa que vendia ovos. O dinheiro, que acabava não sendo muito, estava sendo suficiente para as despesas do lar.

Foi uma briga entre um vizinho e o cunhado, que fez com que Gervásio juntasse sua família e desistisse de mais um sonho. O marido de uma das filhas de Baé que tinha ficado na responsabilidade de Nedina, atingiu o homem com uma faca de cozinha, em um bar vizinho à casa de Vavá.

Juntos, Gervásio e seus familiares juntaram tudo e venderam a casa por um preço muito baixo, no mesmo dia da briga.

Com o dinheiro que recebeu, Vavá deu entrada em um barraco pequeno, no Santo Antônio, onde passou a morar com os filhos e suas atuais mulheres. Gervásio havia conhecido duas delas ali mesmo, em Brasília. As outras duas eram Lurdes e Dorinha, a menina que havia sido criada por Nedina.

Vavá e Dorinha começaram a ficar juntos depois que a mãe de Gervásio veio para Brasília. Vendo a maneira como Enedina tratava a garota, Vavá começou a defendê-la e ela acabou se apaixonando por ele.

Boni, que ficou com parte da quantia ganha com a venda da casa, construiu um barraco no mesmo lote de Vavá, para ele e a mãe morarem, já que sua mulher já não estava mais com eles.

Foi nessa cidade goiana, a poucos quilômetros de Brasília, que Gervásio viveu algumas das grandes emoções de sua vida. O homem dividiu o lote em quatro quartos, um pedaço para cada uma de suas mulheres. Já cheio de filhos, ele fez isso para que nenhuma de suas crianças se separasse do pai como ele havia se separado.

Lurdes, a esposa mais antiga, não sentia nenhum ciúme do companheiro. A mulher sabia que tinha seu lugar no coração do marido.

Cinco mulheres, dezoito filhos e um roteiro que dá até filme. Vavá morou com todas as mulheres juntas no mesmo lote, e, para não esquecer ninguém, ele dividia, em uma tabela, os dias que passaria com cada uma delas.

Com naturalidade, ele conta que foi traído pelo irmão e já registrou filhos que nem ao menos tinha certeza da paternidade. Uma de suas mulheres fugiu com Boni, depois que foi pega com este na casa dele. Quando voltou e pediu perdão a Vavá, a menina já estava grávida, mas disse ao caçula que o filho era dele.

Gervásio na verdade não se importava com isso, ou ao menos se importava pouco. O homem sabia que era preciso ter paciência e só dividiu e multiplicou seu amor durante vários anos de sua vida.

Depois de fechar o bar que tinha em Santo Antônio e perder a casa em que morava, Vavá mudou-se, em cima de um caminhão, para Taguatinga. O homem ficou morando em uma invasão atrás de um hipermercado, no Pistão Sul. Lá, ele e a família dividiam espaço com a rede de energia e frequentemente levavam choque ao se encostar.

Mas, apesar das condições do lugar, foi ali que Vavá começou a construir seu futuro e o de sua família. Uma comunidade que nasceu aos poucos, mostrando o gritante contraste social que habita partes de todo o País. Barracos montados com lonas, crianças pequenas caminhando descalço na terra, vivendo entre prédios

luxuosos de Águas Claras e um colégio de classe alta, onde passam, diariamente, centenas de pessoas, que fingiam não enxergar ninguém por ali.

No começo, poucas pessoas se conheciam. Uma multidão de gente, que, assim como Gervásio e a família, não paravam muito tempo no mesmo lugar, sempre procurando uma maneira nova de sobreviver.

Nesse novo local, Vavá pediu esmolas, passou fome e conviveu com o preconceito visível da população. Mas a esperança em mudar de vida fez com que as famílias continuassem ali, no mesmo lugar.

Já em 2003, um trabalho da pastoral da Evangelização e Construção Social, ligada à paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, fez com que a nova comunidade conhecesse a Cooperativa 100 Dimensão. Um visita que mudou completamente a realidade daquelas pessoas e, principalmente a de seu Gervásio.

Gervásio percebeu, a partir daquela visita, que aquilo que a população do DF jogava fora, podia ter algum valor. Vavá e aquelas outras seis famílias passaram a ser catadores. Eles passavam o dia vasculhando lixeiras, à procura de materiais recicláveis pra vender. Garrafa pet, papel, ferro. Tudo o que para muitos não tinha mais valor, para Gervásio era uma maneira de sobreviver.

Aos poucos, por iniciativa de Gervásio, aquele povo batalhador deu início a uma das principais cooperativas do DF, a Reciclo. Mas, em 2006, aquela comunidade sofreu a primeira derrubada. Vavá viu seu barraco ser destruído e teve que aguentar quieto as repressões do grupo do Batalhão de Operações Especiais (BOPE). No entanto, depois que o BOPE foi embora, os moradores reconstruíram, no mesmo lugar, seus barracos.

Em 2007, enfim com uma boa notícia, a Cooperativa Reciclo foi reconhecida legalmente e a Câmara Legislativa aprovou um projeto de lei que oficializava a doação de 54 lotes, no Riacho Fundo II, em um terreno liberado pelo Governo do Distrito Federal. As casas foram financiadas pela Caixa Econômica Federal e, há um ano, a comunidade mudou-se para lá.

Com isso, Gervásio também se reciclou. Na nova casa, ele recomeçou a vida e hoje ensina ao povo brasileiro o valor do seu trabalho na reciclagem, com palestras e conversas longas, que ele faz ainda ao lado da família.